

Carla Merlotti

Hospitalidade presente no Turismo Social, à luz das
Políticas Públicas de Inclusão

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, na Universidade Cidade de São Paulo – UNICID, sob orientação da Profa. Dra. Edileine Vieira Machado.

Universidade Cidade de São Paulo

São Paulo

2007

COMISSÃO JULGADORA

Ao meu marido Augusto e
aos meus pais, Ivo e Cecília.

Agradeço

À Profa. Dra. Edileine Vieira Machado pelo carinho, atenção, e paciência na orientação e, principalmente: por me *incluir*;

à Profa. Dra. Sarah Strackman Bacal pela preciosa amizade;

ao Prof. Dr. Jair Militão da Silva pela *acolhida*;

ao amigo e colega, Prof. Ms. Rinaldo Zaina Júnior pelas *aulas* de Hospitalidade;

à Líria Pereira, Catia Costa e Vera Ferraz pela parceria e alegria .

*Não vos esqueçais da hospitalidade, pela qual
alguns, sem o saberem, hospedaram anjos.*

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo 1 Das viagens ao turismo.....	18
Capítulo 2 Hospitalidade, turismo e inclusão social.....	27
2.1 Turismo.....	37
2.2 Inclusão Social e Turismo Social.....	45
2.3 Significado da Pedagogia do Sujeito Coletivo.....	52
Capítulo 3 Documentos, Declarações e Trabalhos referentes ao Turismo.....	59
Considerações Finais.....	79
REFERÊNCIAS.....	86
ANEXO 1 Declaração de Manila.....	92
ANEXO 2 Código Mundial de Ética de Turismo.....	100
ANEXO 3 Plano Nacional de Turismo 2007-2010 (versão junho 2006) e Plano Nacional de Turismo 2007-2010 (versão junho 2007)	111
ANEXO 4 Mensagem ABRASTUR.....	113

LISTA DE FIGURA E QUADROS

Figura	Título	Página
1	Pirâmide de Maslow	41

Quadro	Título	Página
1	Inclusão Social I.....	70
2	Cultura Brasileira de Hospitalidade I	71
3	Grupo Técnico Temático de Turismo Social.....	71
4	Cultura Brasileira de Hospitalidade II.....	72
5	Inclusão Social II.....	73
6	Fóruns da Rede Nacional de Regionalização.....	76

MERLOTTI, Carla. *Hospitalidade presente no Turismo Social, à luz das Políticas Públicas de Inclusão*. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo- Unicid, 2007 (dissertação de Mestrado).

RESUMO

Esta pesquisa aborda a prática do turismo, sua relevância para o desenvolvimento da pessoa e do país, como direito do cidadão que trabalha e busca no desenvolvimento lazer, cultura e novas vivências. Uma das motivações para a seleção deste tema foi o hiato percebido pela pesquisadora entre o discurso oficial do Ministério do Turismo e das entidades promotoras do Turismo Social no Brasil e os fundamentos conceituais para essa atividade. Problema da pesquisa: o turismo social proclamado pelas políticas públicas do turismo, numa visão humanista, é uma forma de hospitalidade e de inclusão? Objetos de estudo: discursos governamentais relacionados ao Turismo Social, à Inclusão Social e à Hospitalidade. Objetivos: examinar as políticas públicas de turismo e verificar se contemplam as políticas públicas de inclusão social. Como referencial de apoio, recorreu-se aos estudiosos da dádiva sob a égide do Movimento Anti-Utilitarista nas Ciências Sociais (*Revue du M.A.U.S.S* - 2001), a vários expoentes da reflexão sobre Turismo Social, dentre eles Haulot (1997) do *Bureau International du Tourisme Social* – BITS, ao Código Mundial de Ética do Turismo (ano), à Declaração de Manila (2002?) e, a Martins (1997), argumentos para validar a inter-relação entre Hospitalidade, Turismo Social e Inclusão Social e, para além disso, perscrutou-se a Hospitalidade como possível facilitadora da Inclusão Social. Procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica e documental. Fontes de pesquisa: documentos oficiais. A natureza desse trabalho é pesquisa exploratória. A partir da revisão bibliográfica e da análise do Plano Nacional de Turismo, Declarações e Fóruns nacionais e Internacionais, apontam a importância do Turismo Social que envolve, além do aspecto econômico, a hospitalidade, receber, retribuir, aprender a conviver, respeitar o outro e sua cultura, em uma visão humanista que contribua para a inclusão social. As políticas públicas, às quais cabe responder às demandas da sociedade, devem priorizar a formação dos profissionais de Turismo para uma ação que resgate o direito de todos ao turismo, à convivência com outras culturas, à busca de lugares saudáveis onde se sintam bem e incluídos, como membros participantes da sociedade. Nesse sentido, a *Pedagogia do Sujeito Coletivo* de Silva (2006) pode contribuir para instaurar a aceitação, o reconhecimento e o respeito ao outro, a hospitalidade, humanidade, bem querer como características de quem recebe e de quem é recebido, como preconiza o Plano Nacional de Turismo.

Palavras-chave: Políticas Públicas de Educação; inclusão social; hospitalidade; turismo social

MERLOTTI, Carla. *Hospitality present in Social Tourism, in the light of Public Politics of Inclusion*. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo-Unicid, 2007 (Masters essay).

ABSTRACT

This research approaches the practice of tourism, its relevance to personal and the country's development, as a right from the citizen who works and seeks development in leisure, culture and new life experiences. One of the reasons for the selection of this theme was the absence noticed by the researcher between the official speech from the Ministry of Tourism and the promoting entities of Social Tourism in Brazil and the conceptual foundations for this activity. Research problem: Is the social tourism proclaimed by the public politics of tourism, in a humanistic view, a form of hospitality and inclusion? Objects of study: governmental speeches related to Social Tourism, Social Inclusion and Hospitality. Objectives: to examine the public politics of tourism and verify if they contemplate the public politics of social inclusion. As a supporting referential, it was referred the scholars of the bestowal under the egis of the Anti-Utilitarian Movement in the Social Sciences (*Revue du M.A.U.S.S* - 2001), to various exponents from the reflection about Social Tourism, among them Haulot (1997) from the *Bureau International du Tourisme Social* – BITS, to the World Code of Tourism Ethics (1999), to the Declaration of Manila (1980) and, to Martins (1997), arguments to validate the inter-relation among Hospitality, Social Tourism and Social Inclusion and, beyond this, it was scrutinized the Hospitality as a feasible facilitator of Social Inclusion. Methodological procedures: bibliographical and documental research. Research Sources: official documents. The nature of this work is exploratory research. Starting with the bibliographical review and the analysis of the National Plan of Tourism, Declarations, National and International Forums, indicate the importance that Social Tourism involves, beyond the economic aspect, the hospitality, receiving, retributing, learning to live together, respect the other and his culture, in a humanistic vision that contributes to the social inclusion. The public politics, in which is appropriate to respond to social demands, must prioritize the development of Tourism professionals in a rescue action of the right for all to tourism, to living with other cultures, in search of healthy places into which they feel well and included, as participating members of the society. In this sense, the Pedagogy of the Collective Sense (2006) may contribute to institute the acceptance, the recognition and respect to the other, the hospitality, humanity, to be fond of as characteristics of who receives and is received, as it preconizes the National Plan of Tourism.

Keywords: Public Education Policies; social inclusion; hospitality; social tourism.

INTRODUÇÃO

Ao término do curso universitário de Turismo fui viajar e literalmente colocar em prática o que havia aprendido e assim sentir e vivenciar o turismo. Um ano nesta aventura¹ possibilitou-me sentir e experimentar o que vem a ser hospitalidade e enxergar além das histórias contadas em sala de aula. Afinal, estava “dentro”, inserida naquilo que faz de muitas cidades o seu atrativo turístico.

Ao regressar a meu país, tive a oportunidade de trabalhar em agências e operadoras de viagens e turismo, hotéis e navios, até surgir um convite para lecionar e coordenar um curso universitário de Turismo na minha própria cidade. Foi ali que realmente me senti profissional em turismo, ao transmitir e construir com os alunos tudo, ou quase tudo, que havia aprendido em sala de aula, bem como as experiências vividas em minhas viagens e lugares onde atuei anteriormente. Enfim, estava atuando para/com pessoas que gostavam do mesmo que eu: o estudo do turismo.

Para continuar ministrando aulas no ensino superior, foi preciso buscar especialização no mestrado. Após quase duas décadas, formada na área do Turismo e tendo passado por diversos setores dessa atividade, o que realmente me realizou como profissional foi lecionar aquilo de que gostava e sabia!

É necessário, porém, algo mais para estar em sala de aula (por que não dizer paixão?!): o conhecimento do que vem a ser educação. Durante um ano cursando várias disciplinas, pude notar o quanto a educação é ampla, complexa, podendo se ramificar por inúmeras vertentes... inclusive pelo turismo!

¹ Esta experiência resultou na minha volta à Itália cinco anos mais tarde, onde permaneci por três anos.

A Hospitalidade, um importante viés do turismo para ser trabalhado junto à educação e às políticas públicas de inclusão, começou a se mostrar mais clara e, aos poucos, foi tomando os devidos contornos em minha linha de pesquisa.

A sociedade parece estar o tempo todo nos mostrando a perda do valor da hospitalidade, da tolerância, do amor ao próximo, do bem querer, do bem tratar, uma sociedade cada vez mais hostil. Um exemplo é o turismo, e o modo como os cidadãos programam suas férias: adquirem um pacote com destino a um *resort*² onde imaginam encontrar um “paraíso”, um local literalmente cercado, os filhos seguros, pelo menos dos infortúnios das grandes e médias cidades. Esses guetos (Krippendorf, 2001), ou bolhas (Yazígi, 2001), possibilitam uma longa estada sem necessidade de contato com o mundo exterior. São as “Ilhas da Fantasia”, onde tudo é inebriante, mágico, o “mundo dos possíveis”, que os mantém seguros, distantes das hostilidades da modernidade.

Vivemos num tempo frágil e complexo no qual promover práticas de cidadania assentadas no valor da hospitalidade, ou seja, no respeito ao outro como outro, são necessárias e bem vindas. É imperativo o respeito ao próximo, isto é, considerar o outro como sujeito, bem como incentivar ações inclusivas em que vivencie sua cidadania assentada no valor da hospitalidade.

² Os *resorts* surgiram com as ferrovias. Neste período os habitantes ricos das cidades grandes se dispunham a viajar cada vez mais longe para passar suas férias em lugares que consideravam exóticos. Por estarem dentro do *casulo* de um resort os hóspedes esperam ser *mimados*, e isto quer dizer, muito bem tratados, afinal os valores pagos para se estar ali são altos. São complexos onde encontramos, além do estabelecimento hoteleiro disponível para o pernoite dos hóspedes, também: restaurantes para os mais variados paladares, piscinas de águas fria e quente, quadras para as mais diversas atividades, áreas verdes, alguns possuem sua própria pista de pouso para aeronaves de grande porte (um mini aeroporto!) e uma série de outras infra-estruturas (Walker, 2002).

Batista (2005) comenta sobre “um projeto de constituição” de *ciudades refúgio*³, ou seja, um programa adotado pelo Conselho da Europa e lançado pelo Parlamento Internacional dos Escritores, em 1995, cujo objetivo é a criação de uma rede de cidades destinadas a receber e acolher escritores e intelectuais perseguidos. As condições de acolhimento estão definidas no quadro jurídico e institucional consagrado na ‘Carta das Cidades refúgio’. Segundo a autora (2005), pessoas acolhidas podem participar ativamente da vida cultural da cidade, como também ser o embaixador do seu idioma e cultura.

Na “cidade-refúgio”, evidencio temas com os quais me identifico e tenho intenção de me aprofundar: turismo, hospitalidade, educação e políticas públicas de inclusão, que se encontram, inter - relacionam-se e, a cada encontro, constituem um novo aprendizado.

Segundo Silva (2004), é com o cristianismo que o conceito de pessoa alcança maior desenvolvimento. Para o autor, o homem é visto como uma unidade indissolúvel composta por corpo e alma, formando uma totalidade, mas que é aberta às outras totalidades, que são os outros homens. O ser humano pode conhecer por meio da inteligência e escolher conforme sua vontade, que é ativada pelo amor.

Ainda, segundo o autor, a antropologia cristã considera que, conservando essa identidade básica como pessoa, o homem pode mudar várias vezes o seu modo de agir, durante toda a vida. Esse agir, com certa autonomia diante de diferentes situações, implica em assumir responsabilidade por suas escolhas, que ocorrem conforme valores próprios.

Para SILVA (2004) a pessoa pode conhecer, decidir e se responsabilizar, por isso, pode e deve ser dotado de dignidade. Mas as potencialidades (conhecer, decidir e responsabilizar-se) não são desempenhadas espontaneamente nem são

³ Baptista menciona a cidade do Porto como uma das incluídas neste projeto, desde 1997, e acrescenta que Jacques Derrida esteve presente na cerimônia inaugural deste programa como vice-presidente do Parlamento Internacional dos Escritores. A autora reside na cidade do Porto, onde se doutorou em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa. (2005).

automáticas. Para serem exercidas, faz-se necessário um trabalho de humanização, que pode ser traduzido como um processo educativo contínuo no qual tais ações sejam desenvolvidas.

A pessoa é um ser relacional e essa necessidade de se relacionar com os demais deriva de duas características humanas: a imperfeição (o Homem busca por outros da sua espécie para sobreviver, para se manter pessoa) e o amor (o Homem busca pelos demais para ajudá-lo a viver e viver bem). Segundo o autor, na tradição judaico-cristã a pessoa é considerada um valor absoluto; vale por si mesma, independente de sua “utilidade social” (2006, p.83).

As organizações sociais devem enxergar as pessoas como aquelas que lhes “dão vida”. Ainda, segundo o autor (2006), podemos falar em um verdadeiro sujeito, quando falamos em um coletivo de pessoas, que vivem umas em relação com as outras e por meio dessa relação tornam-se pessoas.

É esse coletivo de pessoas que precisamos formar, com a mesma meta, praticar a hospitalidade com significado para si mesmo, numa unidade com os demais, onde todos busquem uma convivência social que valorizem a dignidade humana e sejam capazes de transformar a realidade.

Dignidade humana é considerar a si mesmo e o outro como uma pessoa que tem seu próprio valor, independente de situação social, cultural e econômica.⁴

A hospitalidade como um viés do turismo faz-se útil e necessária para ser trabalhada junto à educação e às políticas públicas de inclusão, considerando a tríplice obrigação de dar-receber-retribuir (de Marcel Mauss), considerar o outro como o outro, com suas diferenças. A hospitalidade, quando desenvolvida e aplicada no seu sentido amplo, possibilita minimizar as hostilidades do ambiente complexo e efêmero ao qual

⁴ Cf. SILVA, J. M. da. A consideração da dignidade humana como critério de formulação de políticas públicas. In PUSSOLI, L.; MARCÍLIO, M.L. **Cultura dos direitos humanos**. São Paulo: LTr, 1998; p.194-198. (Coleção Instituto Jacques Maritain)

pertencemos, no qual nos relacionamos e tentamos viver. Ela é sinônimo de civilidade e ética.

Problema

Assim, assumimos como problema desta pesquisa a indagação: o turismo social proclamado pelas políticas públicas do turismo, numa visão humanista, é uma forma de hospitalidade e de inclusão?

Objetos de estudo

Os objetos de estudo deste trabalho são os discursos governamentais relacionados ao Turismo Social, a Inclusão Social e a Hospitalidade.

Objetivos

Examinar as políticas públicas de turismo e verificar se contemplam as políticas públicas de inclusão social.

Desses objetivos surgem as perguntas: como a hospitalidade é vista e tratada pelas políticas públicas de turismo? A hospitalidade no turismo social pode ser facilitadora da inclusão social? As políticas públicas de turismo no que se refere à hospitalidade, à luz das políticas públicas de inclusão, são apenas “proclamadas” ou “reais”? Quais as relações entre turismo social, hospitalidade e inclusão? Como formar bacharéis em turismo com uma visão humanista e capaz de enxergar e respeitar o “outro”?

Hipóteses

Parto das seguintes hipóteses:

- Existe relação entre o turismo social, hospitalidade e inclusão social,
- A hospitalidade no turismo social pode ser facilitadora da inclusão social,
- O turismo social difundido no Plano Nacional de Turismo 2007-2010 concentra-se apenas nas questões econômicas de seus participantes,
- O turismo social difundido no Plano Nacional de Turismo 2007-2010 não leva em consideração a Hospitalidade estudada nesta pesquisa, entendida aqui como acolhida e baseada tríplice obrigação dar-receber-retribuir de Marcel Mauss;
- A Pedagogia do Sujeito Coletivo de SILVA (2006) é um caminho, um método para a formação de profissionais da área do turismo mais humanos e capazes de colocar em prática a hospitalidade como pensamos, sentindo-se sujeitos dessa prática e enxergando e respeitando o outro.

Procedimentos Metodológicos

Como procedimentos metodológicos foram adotadas: pesquisa bibliográfica e documental. Como fontes de pesquisa, documentos oficiais.

A natureza desse trabalho é pesquisa exploratória, uma vez que não encontrei estudos referentes a esse tema.

Pesquisa documental, de acordo com Chizzotti,

é parte integrante de qualquer pesquisa sistemática e pode ser um aspecto dominante em alguns trabalhos de pesquisa cujo objetivo seja mostrar a situação atual de assunto determinado (1995, p.18).

A pesquisa documental é uma etapa importante para reunir os conhecimentos produzidos e, assim não incidir sobre questões já resolvidas.

Num primeiro momento, pesquisei temas referentes à hospitalidade e ao turismo social.

Num segundo momento, busquei trabalhos acadêmicos (dissertações, teses e artigos em periódicos) que tratassem de hospitalidade, e de políticas públicas de inclusão, por meio do banco de dados, via Internet, junto ao único Programa de Mestrado Nacional voltado à hospitalidade (Universidade Anhembi-Morumbi) e em outros, como EBSCO, Biblioteca Digital da Universidade São Paulo e Biblioteca Digital SENAC. Ainda buscando em bancos de dados digitais, me cadastrei a um serviço disponibilizado pela Universidade de São Paulo (USP) que fornece dissertações e teses, com os assuntos de interesse, (no cadastro são expressas tais informações), direcionadas ao e-mail pessoal do cadastrado. E conversas informais com pessoas que haviam participado do Programa de Mestrado acima mencionado, onde obtive informações sobre autores que tratam especificamente do tema hospitalidade.

Assim, este trabalho está organizado em:

Capítulo 1: *Das viagens ao turismo*. Nesta parte busca-se, através da história, conhecer a passagem das viagens ao que hoje conhecemos e denominamos como turismo. Mostra a existência e trajetória da hospitalidade no tempo.

Capítulo 2: *Hospitalidade, turismo e inclusão social*. São apresentados os conceitos de hospitalidade, inclusão social, turismo e turismo social. Mostra que a boa acolhida envolve altruísmo e beneficência, o que significa não apenas receber, mas, retribuir e dar. As definições de turismo mediante conceitos de vários autores nacionais e estrangeiros, bem como as necessidades explicadas por Maslow, na visão de Lanquar como necessidades que se pode perceber na motivação turística. E a inclusão social pelo turismo, na medida em que o turismo quebra o círculo vicioso de pobreza. Uma visão do que seja o sujeito coletivo e a necessidade de ensinar os valores da

comunidade e de uma apreciação do *outro* que deve ser visto como um ser humano digno de ser considerado e, é o que deve ser introjetado nos profissionais de turismo.

Capítulo 3: *Documentos, Declarações e Trabalhos referentes ao Turismo*. Analisa a hospitalidade, a inclusão social e o turismo social previstos no Plano Nacional de Turismo - PNT (2007-2010)⁵ e em trabalhos, colóquios e reuniões realizadas no Fórum Mundial de Turismo 2004, 2005 e 2006, com base no Código Mundial de Ética do Turismo (1999) e na Declaração de Manila (1980).

Capítulo 4: Considerações finais. Retoma os objetivos deste trabalho, apresenta as relações entre hospitalidade, turismo social, políticas públicas de inclusão e educação, bem como verifica a confirmação ou não das hipóteses estabelecidas.

⁵ A versão analisada foi disponibilizada na internet em meados de 2006. Versão mais completa do plano, conta com 130 páginas e é assinada pelo então Ministro do Estado do Turismo Walfrido dos Mares Guia (eleito no primeiro mandato presidencial). A versão atual disponível na web apresenta-se resumida em 81 páginas, tendo um novo responsável pelo Ministério, Marta Suplicy, eleita para o segundo mandato presidencial de Luiz Ignácio "Lula" da Silva.

Capítulo 1 DAS VIAGENS AO TURISMO

O turismo (...) dentre os lazeres é o mais sedutor e significativo, pois contendo um tempo livre contínuo, se apresenta como espaço propício para o desempenho de atividades não impostas e para o estabelecimento de relações gratuitas. (BACAL, 2003, p. 103).

Para Acerenza (2002) há evidências de viagens registradas na antiga Babilônia, na *Odisséia*, nota-se a significativa vocação dos gregos para as viagens. O sofista grego Pausânias descreve seu país entre 160-180 a.C. por conta do expressivo número de pessoas que, atraídas pelos Jogos Olímpicos, iam até a Grécia; Heródoto saiu em viagem no ano de 550 a.C. e Horácio canta o lazer (*otium*) e escreve poemas de viagens. Os gregos, há mais de 4000 mil anos, utilizavam fontes termais como terapia, porém, são os romanos os responsáveis por sua transformação em uma verdadeira atração, motivando as pessoas a se deslocarem de suas residências.

Os estrangeiros tinham como protetor o deus grego Zeus e os *Proxenos* eram os responsáveis por receber, orientar e auxiliar os viajantes. Já os romanos, tinham o *Amphitriton* como responsável para receber e proteger os forasteiros (Acerenza, 2002).

Segundo Acerenza (2002), durante o apogeu do Império Romano⁶, era comum, nos meses de verão, a busca pelo campo ou lugares à beira mar por santuários, templos, festivais e lugares onde fossem possíveis os banhos termais. Eles se deslocavam com maior frequência à Grécia, porém, com a difusão do cristianismo, a Terra Santa tornou-se o destino da época. Segundo historiadores, por conta do expressivo número de pessoas que se deslocavam, houve a necessidade de criar itinerários, guias que especificavam rotas, distâncias, bem como o tempo de viagem entre as localidades⁷. Acerenza (2002) lembra que os gregos e os romanos não identificavam essas atividades como turismo, mas não há dúvida de que tais deslocamentos são os antecessores da atividade, que hoje chamamos de turismo.

Devido à sua posição no Mediterrâneo, servindo de passagem para peregrinos alcançarem Jerusalém, a Itália foi meta privilegiada do *homo viator*, fazendo de Roma o novo centro de peregrinação do cristianismo. Por tal razão surge, ainda no século XII, um dos mais famosos passos dos Alpes, o Grande São Bernardo e, junto dele, uma hospedaria que abrigava viajantes que alcançavam os seus 2.472 metros de altura por meio de uma estrada construída em tempos romanos. (Batista Neto, 1988)

Relatos das dificuldades encontradas pelos viajantes citam a travessia do Monte Cenis, em 1077, pelo imperador Henrique IV. Por conta do rigoroso inverno tal rota se encontrava completamente coberta por neve e gelo. Era preciso rastejar, agarrar-se aos guias contratados, rolar por encostas geladas. As mulheres eram colocadas em sacos de couro bovino para descer com o auxílio dos guias em trechos íngremes (Batista Neto, 1988).

De acordo com Acerenza (2002), no século XIII, o veneziano Marco Polo iniciou suas viagens em direção ao Oriente e o marroquino Ibn Battuta deixou o registro pormenorizado de suas viagens à Ásia e África. Diversas ordens davam assistência aos viajantes que se dirigiam à Terra Santa, como a Ordem dos Hospitalários de São João, em Jerusalém, que data de 1113, e a Ordem dos

⁶ Com a queda do Império Romano e a invasão dos Bárbaros, as viagens foram interrompidas até a Idade Média, Viajar nesta época tornou-se sinônimo de perigo, de saques, de violência. (Acerenza, 2002). Afinal, o turismo, as viagens, só se dão em meio a paz!

⁷ De acordo com Robinson (apud Acerenza) havia o *Guia do viajante do século XIV*, onde informações detalhadas auxiliavam os peregrinos em suas andanças.

Templários. O significativo movimento de pessoas resultou na criação do “Grêmio de donos de pousadas”, em 1282 na cidade de Florença⁸, *com o propósito de transformar a hospedagem que, até então, era na realidade um ato de caridade (...) (Acerenza, 2002, p.63).*

Émile Male comenta:

Os homens do século XII amaram apaixonadamente essas grandes viagens. Parecia-lhes que a vida do peregrino era a própria vida do cristão. Pois o que é um cristão senão um eterno viajante que não se sente em parte alguma, um viajante em marcha para uma nova Jerusalém (apud Batista Neto, 1988: 181).

Os peregrinos, além da dura realidade e das difíceis rotas, reencontravam o sentido profundo de sua fé. Mesmo com tantos obstáculos a atividade espiritual estava separada do divertimento, afirma Goeldner (2003). Festas e banquetes não faltavam nessas andanças, bem como a vida licenciosa. As peregrinações nos legaram a compreensão de determinadas motivações de viagens, como também o quanto importante foram (e são) os deslocamentos com intenção de viagem religiosa, é certo que algumas localidades e atrações traziam (e ainda trazem) ao visitante um benefício duradouro (Goeldner, 2003).

Para Batista Neto (1988), o ato de se deslocar com a intenção de viagem era para o homem medieval sinônimo de sofrimento, como indica a

⁸ Acerenza chama a atenção para a rivalidade comercial existente na época entre Florença e Veneza, que disputavam essa demanda “viajante”. No fim da Idade Média, Veneza se destacava “não só pela sua beleza e riqueza, mas também pelos (...) atrativos que oferecia ao viajante”.(2002:64).

etimologia da palavra *travel*, de origem inglesa, uma evolução de *tria palus*, instrumento de tortura de tempos romanos.

Marco Polo fala de espíritos que perseguiram as caravanas no deserto para tirá-las da rota. Já Ibn Battuta narra a sua impossibilidade de montar a cavalo sozinho por conta da grande quantidade de roupas que tinha de usar para enfrentar as baixas temperaturas do deserto. Além da natureza inclemente, das experiências sobrenaturais e fantásticas criadas pela imaginação humana, as doenças, a violência, os saques e assaltos também compunham o cenário rude e perigoso no qual se aventuravam os viajantes (Cunha, 1996).

Parece clara a ausência do prazer nos relatos das viagens realizadas na época medieval. Batista Neto (1988) revela que a ascensão das montanhas setentrionais alpinas era temida, uma verdadeira prova de fé, coragem e perseverança, pois, para os viajantes deste período, tais locais inóspitos e desabitados eram perfeitos para o demônio.

A mentalidade da época acabava impedindo o homem medieval de enxergar além das suas aflições cotidianas, o que não significava que fosse totalmente insensível às belezas das paisagens, das cidades e das populações e culturas visitadas.

Segundo Enzensberger (1985), as primeiras pessoas que partiram para longe por decisão própria foram os comerciantes, sinônimo de viajante, no hebraico antigo. No entanto, até o século XVIII, toda viagem era privilégio de uma minoria.

Soldados e mensageiros, estadistas e eruditos, estudantes e mendigos, peregrinos e criminosos eram os que se encontravam nas estradas, mas sempre, e especialmente, comerciantes: especiarias e mirra, ouro e seda, armas e pérolas (1985, p. 115).

Para o autor, a viagem, como aventura, era desconhecida até boa parte do século XVIII. É apenas em 1580 que o *Journal de Voyage in Italie*, de Michel de Montaigne, aponta o prazer da viagem. Esse novo viajante, curioso e maravilhado com tudo o que se revelava a cada paragem, desejava o conhecimento, era estimulado desconhecido, viajar era como ter em mãos o “grande livro do mundo” (Batista Neto, 1988, p.195).

Na segunda metade de 1600 ocorre a procura por conhecimento e educação, surgindo o *Grand Tour*⁹, publicado em *Voyage of Italy: or a complete journey trough Italy*, do inglês Richard Lassels. O termo *Grand Tour* indicava a prática de viajar como forma de educação que havia se difundido entre as pessoas pertencentes às classes mais abastadas; atividade ideal como encerramento da educação de um jovem, que chegava a durar até três anos e tinha como meta final a Itália. Nesse momento a Universidade de Pádua chegou a ter seis mil estudantes estrangeiros matriculados em seus cursos, número impressionante, se pensarmos nas dificuldades impostas pela época (Visino, 1994).

Logo após surgem outros viajantes com outros interesses, como os que atraídos pelo que é antigo, tentam compreender a história, os que descobrem o prazer em apreciar a natureza, as paisagens e as cidades como produto dos homens. O livro *Viagem a Roma*, de Goethe, é um exemplo do prazer de apreciar a cidade e tudo mais que nela se insere: *iam em busca não tanto das ruínas, mas de maneiras e costumes, de preferência os mais simples e incultos* (Burke, 1989, p.233).

Necessidade ou desejo, torturantes ou prazerosos, de lazer ou de estudos, os deslocamentos continuaram até que as mudanças tecnológicas, econômicas, sociais e culturais a partir do século XVIII trouxessem alterações significativas às viagens e ao autor desse ato: o viajante.

⁹ Por conta de suas características, esse tipo de viagem gerou uma rica bibliografia no final do século XVI e início do século XVII. Eram livros que recomendavam a melhor maneira de viajar, por quais países deveriam passar para fazer desta experiência algo mais proveitoso (Acerenza, 2002).

No século XIX inúmeras transformações, frutos da Revolução Industrial, contribuíram sobremaneira para o estabelecimento da atividade turística como a vemos hoje.

Com o século que se iniciava ocorre um verdadeiro êxodo rural à procura de emprego nas fábricas, pois se vislumbrava a possibilidade de uma vida nova, representada por um trabalho, dinheiro e férias!

De acordo com Rejowski (2002), um dos fatores marcantes deste século foi o desenvolvimento do transporte ferroviário e da navegação a vapor. Watt (máquina a vapor), Trevithnick (máquina a vapor sobre rodas), Stephenson (trem) e Fulton (navegação a vapor) e outros colaboraram para que as viagens tomassem outros rumos e possibilitam seus atores a adquirir novos hábitos, afinal, os meios de transporte ofereciam comodidade, conforto, velocidade e maior capacidade de passageiros e mercadorias.

Outro resultado da Revolução Industrial foi o surgimento de um novo tipo de viajante que, pouco a pouco, foi delimitando seu espaço onde anteriormente apenas a aristocracia figurava: a burguesia. Esta se caracterizava por permanecer períodos mais curtos de tempo nos lugares escolhidos para passarem suas férias, apreciava destinos que tivessem alguma fama com a presença de figuras famosas, tentando imitar os modos e costumes da aristocracia.

Havia já nesta época duas formas de turismo: itinerante e de estada ou residencial. Neste se enquadram os centros termas e balneários, espaços destinados às pessoas que necessitavam de tratamento terapêutico ou que apenas desejavam passear, repousar ou ocupar seu tempo livre¹⁰.

¹⁰ Segundo Sarah Bacal, tempo livre “é a denominação atual de uma parcela do tempo liberado do trabalho, entendido como tempo que dispõe legalmente.”(2003, p. 20)

Segundo Rejowski (2002), o ressurgimento¹¹ do *termalismo* se dá por conta de mudanças nos hábitos dos europeus em relação aos banhos. Localidades, como Bath (Inglaterra), Spa (Bélgica), Vichy (França), Marienbad (República Tcheca) e Baden Baden (Alemanha) são alguns dos centros termais e balneários mais visitados e freqüentados no século XIX. Não apenas as localidades beneficiadas por abundância de água, mas também as paisagens montanhosas incitaram o homem deste século a viajar. À sensação de medo diante dos grandiosos e sublimes penhascos e montanhas segue-se a apreciação. Tais paisagens passaram a exprimir prazer e eram procuradas até mesmo com a intenção de cura.¹²

Com o cassinismo, no século XIX, Monte Carlo começa a fazer sua fortuna. Mônaco recebeu, no ano de 1872, mais de 10 mil visitantes motivados pelo jogo (Acerenza, 2002).

Outras novidades e transformações surgiram neste século. Thomas Cook, considerado o pai do turismo moderno, criou o que hoje chamamos de pacote turístico¹³ e mais uma série de facilidades, como o *voucher* hoteleiro e *circular note* (antecessor do *traveler's check*)¹⁴.

As Exposições Universais¹⁵, feiras onde vários países eram convidados a expor aquilo que havia de mais moderno ou de diferente dos demais, ficaram marcadas como grandes eventos e fluxo de turistas. O turismo, uma atividade ainda tímida, já revelava algum profissionalismo na área.

¹¹ Usamos a palavra ressurgimento, pois, há registros de utilização de fontes termais já no Império romano.

¹² A penicilina ainda não havia sido descoberta e a tuberculose tornou-se uma epidemia na Europa neste século. Os médicos recomendavam ar puro, o que proporcionou às localidades com tais características, tanto européias como brasileiras, o seu desenvolvimento.

¹³ Pacote turístico é a somatória de transporte, hotel e alimentação adquirida por meio de uma agência de viagem, tudo incluído em um mesmo preço. Mais prático e econômico do que a aquisição individual de cada um dos serviços acima mencionados; isso é possível por conta de acordos bilaterais estabelecidos entre operadoras turísticas, hotéis e companhias aéreas.

¹⁴ Voucher é um comprovante de que a reserva e a estada naquele estabelecimento hoteleiro são válidas e está amparada por alguma operadora ou agência de viagem. Circular note substituiu o dinheiro e foi criado com a intenção de facilitar a vida do viajante em outro país com moeda diferente do seu.

¹⁵ A primeira a se realizar foi no ano de 1871 em Londres. Curiosidade: a Torre Eiffel foi criada para uma dessas exposições ocorridas em Paris (França).

Os Jogos Olímpicos da Era Moderna, que tiveram sua reedição no século XIX, foram concebidos pelo barão francês Pierre de Coubertin com a intenção de criar encontros internacionais “onde o cavalheirismo e a camaradagem entre os participantes” pudessem contribuir “ao desenvolvimento moral e ético”. (Khatchikian apud Rejowski). Desde então, tais jogos vêm acontecendo de quatro em quatro anos, exceto no período que compreendeu as duas grandes guerras.

Nos períodos de guerra os fluxos turísticos são interrompidos, afinal, o turismo de lazer só se dá em meio à paz; em tempos de conflito não há espaço para hospitalidade. Seu antônimo – hostilidade – se apodera das pessoas que a utilizam como uma “arma de defesa” contra a situação e seus responsáveis. Assim, de 1914 a 1919 (1º Guerra Mundial) e de 1939 a 1945 (2ª Guerra Mundial), as viagens não tinham como se realizar, tendo uma ascensão no período entre guerras. Seu “boom” ocorre a partir da década de 50 do século XX. Mesmo passando por períodos de turbulências por conta de inúmeras crises, o turismo cresceu contínua e ininterruptamente até os dias atuais (Rejowski, 2002).

No período entre guerras um novo turista surgiu, um indivíduo que teve sua jornada de trabalho reduzida, direito a férias e a descanso semanal remunerado (aos domingos).

Na Itália e na Alemanha em 1925 e 1933, por conta deste indivíduo que demandava por lazer no seu tempo livre, foram criados organismos para auxiliar esse novo turista em suas viagens e passeios dentro e fora do território nacional. OND - Opera Nazionale Dopolavoro – parte das estratégias previstas pelo governo fascista, tinha como intuito melhorar a qualidade de vida dos italianos, promovendo viagens de curta duração em cooperação com a Federação Italiana Excursionista. Eram 150 estabelecimentos envolvidos, mais de 200 destinos, variando entre praias e campos, tanto no verão como no inverno, e cruzeiros marítimos (Khatchikian, apud Rejowski, 2002).

KdF - Krapf durch Freude - Força da Alegria — sabia que o bem-estar físico e espiritual favorecia ao máximo o rendimento no trabalho, portanto oferecia aos

trabalhadores germânicos viagens e excursões terrestres pela Alemanha e outros países e marítima pelo Mediterrâneo (Khatchikian apud Rejowski, 2002).

O movimento se expandiu para outros países da Europa, cada qual com um objetivo e interesse político. Enquanto, na Itália e na Alemanha o objetivo era o incremento de políticas nacionalistas, na França, o foco era o lazer, estimulando o uso de diversos equipamentos e serviços que dessem conta do tempo livre do cidadão (Rejowski, 2002).

A nova demanda se deslocava para destinos tradicionais onde a aristocracia se encontrava. Esta, sentindo-se incomodada, busca outras localidades onde não tivesse de *cruzar* com essa nova classe de turistas que se expandia. Assim, os proprietários de equipamentos e serviços, que antes serviam a uma classe social mais abastada economicamente, sentiram a necessidade de adequar-se aos novos padrões.

A hospitalidade, incentivada e reduzida pelos dois órgãos trabalhistas é considerada como “primeiro programa de turismo social” (Rejowski 2002).

Esta pesquisa trata da hospitalidade espontânea, desinteressada, apenas com o intuito de dar, aceitar e receber, criar laços sociais, bem querer entre as pessoas e respeito ao próximo. É o “dom” de Marcel Mauss¹⁶, não ações com enfoque político (populistas e nacionalistas). Comungo com Alain Montandon (2003), quando diz que a hospitalidade é sinal de civilização e de humanidade.

A hospitalidade aqui é referendada como sinônimo de ética; esta interpretada como o respeito à dignidade do outro, pois somos éticos em relação ao outro e não a alguma coisa, como simples cumprimento de normas, afinal, as relações sociais são a essência humana (Niskier, 2006).

¹⁶ Sobrinho de Émile Durkheim, Marcel Mauss era um sociólogo e antropólogo francês (1872 – 1950) que em sua obra *Essai sur le don* (Ensaio sobre a dádiva) aborda práticas sociais desenvolvidas por determinados povos.

Capítulo 2 HOSPITALIDADE, TURISMO E INCLUSÃO SOCIAL

Toda pessoa tem direito a repouso e lazer, inclusive a limitação razoável das horas de trabalho e férias periódicas remuneradas. (Artigo XXIV da Declaração Universal dos Direitos Humanos, 10 de dezembro de 1948).

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade... (Art. 5º do capítulo I dos direitos e deveres individuais e coletivos da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988)

Houaiss (2001) define hospitalidade como ato de hospedar, acolhida de hóspedes, hospedagem, qualidade do que é hospitaleiro, boa acolhida, recepção ou tratamento afável, cortês; amabilidade, gentileza. A palavra tem sua origem no latim *hospitalitas*, *átis* que significa *condição de estrangeiro, de forasteiro; hospitalidade, qualidade de ser hospitaleiro* (p.1553).

No verbete hospitalidade, tem-se *hospes, ítis, aquele que recebe o estrangeiro (hostis); aquele que é recebido.* (p.1553). *Hospital, 2. que age com hospitalidade, com benevolência; caridoso.* (p.1553). *Host, aquele que recebe ou entretém socialmente hóspedes ou convidados, anfitrião... estrangeiro... peregrino* (p.1554).

Hospitalidade, do termo latino *hospitalitas átis*, segundo Dias, pode ser traduzido por ato de acolher, hospedar, boa acolhida, já *hospes-itis se traduz por hóspede, forasteiro, estrangeiro, aquele que recebe ou é acolhido com hospitalidade* (2002, p.98).

Na mitologia grega, Zeus era o deus protetor daqueles que vinham de fora, os estrangeiros. O espírito hospitaleiro se desenvolveu na Grécia Antiga com a crescente movimentação de pessoas que viajavam de uma localidade a outra, em busca de respostas nos oráculos de Delfos e Dodona.¹⁷ A hospitalidade era um ato de honra empregado com qualquer estrangeiro, o que significava, dar de beber, de comer (isto representava o sal, na época mercadoria de valor) e lavar os pés dos estrangeiros mesmo antes de perguntar o nome e o motivo da viagem. Para Visser (apud Lashley e Morrison, 2004), *as pessoas que comeram sal conjunto não brigariam entre si.* Existiam cidadãos para exercer tal função, os *Proxenos* (em Roma, *Amphytrion*, daí anfitrião: aquele que recebe, que hospeda) (Cunha, 1996, p.62).

¹⁷ Delfos era dedicado ao deus grego Apolo e foi o primeiro centro religioso do mundo helênico de que se tem notícia; já Dodona era dedicada ao deus Zeus. Este último conhecido por proteger os estrangeiros, poderia, portanto ser considerado o Deus da Hospitalidade, se é que podemos fazer tal afirmação, afinal Héstia, sua irmã, era a Deusa dos laços familiares. Simbolizada pelo fogo da lareira, o que significava também hospitalidade, sentir-se em casa. (www.wikipedia.org)

A hospitalidade surge com o acolhimento a pessoas que necessitavam de abrigo. Para o hospedeiro, o “calor humano”, proveniente da presença do forasteiro, era a resposta ao seu gesto. Para Camargo (2007) a hospitalidade resultante de um convite talvez tenha surgido mais tarde. Para o povo grego, representante desta hospitalidade, era uma obrigação permeada de rituais: abrir sua moradia e receber este forasteiro, dar-lhe de beber e de comer, para depois questionar quem, era de onde e para onde se dirigia.

Exemplos de bem receber, bem tratar e bem querer existem em diversas sociedades e diferentes épocas. O veneziano Marco Polo, o viajante aventureiro do século XI, deslumbra-se com a quantidade e diversidade de comida na corte do imperador grande Khan, como também com as sedas, mercadoria típica e cara na época, que cobriam o leito destinado ao pernoite. Para Dias (2002), esta oferta gastronômica é um dos tipos de hospitalidade, *tão ou mais importante quanto mais for diferente, exótica ou especial, refletindo as diversidades culturais* (p.1001).

No Oriente, ser recebido para beber uma xícara de chá de menta é um ritual de hospitalidade passado de geração para geração em lugares onde a natureza hostil levou os nômades a darem à hospitalidade um caráter de *necessidade que os tempos e a crença em Deus elevaram a um status de virtude sagrada* (Dias, 2002, p.102).

Para Peyer (apud Flandrin e Montanari, 1998), nas culturas ditas primitivas, o estrangeiro, antes tratado com hostilidade por não pertencer àquele grupo social, chegando mesmo a ser morto, passou a ser bem recebido, por lhe atribuírem “forças mágicas” (p. 437), por vezes, tomado por deus. Nesse período os estrangeiros eram mercadores e mensageiros, o que lhes facilitava o contato com outros grupos. A hospitalidade primitiva criava um elo bastante forte, a ponto de o anfitrião tomar partido do hóspede ao abraçar suas causas, o que lhe permitia tornar-se seu herdeiro, caso viesse a falecer sob seus cuidados, ou seja, na residência “acolhedora”.

Bueno (2004), trata dos peregrinos, cujo destino era ir ao encontro dos restos mortais do apóstolo São Tiago na cidade de Compostela (Espanha). Aqueles com recursos, tinham alojamentos e, *para os que não pudessem pagar, havia sempre a*

hospitalidade de particulares” (p. 17). Ricos ou pobres, esses andarilhos da Idade Média deveriam ser recebidos com carinho e veneração, como se fossem o próprio São Tiago e Jesus Cristo. Os habitantes das localidades por onde passavam, ofereciam *condições para facilitar a jornada e dar o conforto possível* (p.17). O Caminho de Santiago é percorrido ainda em nossos dias e os viajantes também encontram abrigo nos estabelecimentos das localidades ao longo da caminhada.

Hospitalidade tem sentido amplo, abrangendo diversos espaços e situações. O simples ato de compartilhar água e sal estabelecia nas sociedades tradicionais uma ligação mística e a hospitalidade pode ser vista como uma comunhão. Companheiro, originária da união de palavras latinas *com + pane*, significa o amigo com o qual se divide o pão (Dias,2002, p.100).

Para Lashley e Morrison (2004), hospitalidade pode ser considerada como *um conjunto de comportamentos originários da própria base da sociedade* (p.5), para a qual a partilha e a troca dos frutos do trabalho, aliadas à mutualidade e à reciprocidade, constituem a essência da organização coletiva e do senso de comunidade. Para os autores *a hospitalidade envolve (...) altruísmo e beneficência* (p. 5).

Para os autores a hospitalidade implica três *domínios: social, privado e comercial* (p.6). No domínio social temos os cenários e forças sociais que atuam na produção e consumo de alimentos, bebidas e acomodações; no domínio privado a relação hóspede e anfitrião e, no domínio comercial a oferta da hospitalidade como atividade econômica, incluindo os setores público e privado.

Além de receber, alimentar e acomodar, o aspecto econômico remete à atividade turística como um mercado (mercado turístico), onde são realizadas “trocas” entre a demanda turística (aquela que consome) mediante um pagamento. Para os autores, *uma grande parte do entendimento atual [da hospitalidade] é estabelecida pelo conceito*

econômico (p.13), sem considerar os aspectos sociológicos, antropológicos e históricos. A autêntica hospitalidade nos faz sentir verdadeiramente queridos e bem-vindos, não apenas por que pagamos a conta (p.18).

Derrida (2003) acrescenta mais um domínio, o virtual. Este espaço, propiciado pelos computadores, possui características específicas da hospitalidade quando analisamos o emissor e o receptor da mensagem, que seriam respectivamente, o anfitrião e o hóspede. O autor analisa um episódio ocorrido na Alemanha, onde o governo proibiu inúmeros *sítes* virtuais cujo tema era vincular pornografia por meio da rede mundial de computadores (web = world wide web) e chega à conclusão de que houve uma invasão de território, se é que podemos assim chamar nossos lares. Atravessaram a soleira da 'minha' casa sem antes pedir permissão, pois a internet, esse fenômeno mundial ao qual nos rendemos (vezes por lazer, outras por necessidade) é um direito privado, cabe a nós, cidadãos sob o poder da democracia, decidir o que iremos buscar e ver na web.

Niskier (2006), para quem a ética é um exercício de liberdade, segue a linha de Derrida ao questionar qual será a ética do futuro quando nos vemos inseridos numa sociedade cujo progresso nos tirou a privacidade por meio dos controles efetuados, por meio dos cartões de crédito, contas bancárias, celulares e internet. Tornamo-nos seres 'rastreadores' e 'rastreados'.

Para Derrida, a ação governamental para “preservar” as famílias germânicas nos leva a refletir se tal interferência não se estendeu à esfera pública, desfazendo-se assim do direito privado de cada um. O autor analisa:

Hoje em dia, uma reflexão sobre a hospitalidade pressupõe, entre outras coisas, a possibilidade de uma delimitação rigorosa das soleiras ou fronteiras: entre o familiar e o não familiar, entre o estrangeiro e o não estrangeiro, entre o cidadão e o não cidadão (2003, p. 43).

Para Derrida, a hospitalidade, no seu sentido macro e absoluto, estabelece que a casa deve ser aberta e oferecida ao estrangeiro, sem nome, sem família, sem status, é como se devêssemos ceder lugar a este outro, mesmo que não haja reciprocidade. Esta hospitalidade absoluta rompe com a hospitalidade de direito, é como se houvesse um pacto silencioso, onde cada qual, hospedeiro e hóspede têm conhecimento de seus limites, direitos e deveres.

A hospitalidade é uma lei não escrita, que foi introjetada por aqueles que dela fazem uso, no entanto, passível de ser aprendida e transmitida.

Segundo Camargo (2004), no início de suas pesquisas sobre o termo Hospitalidade, diz que esta era vista apenas de duas maneiras: num contexto religioso e no hoteleiro. O autor alerta acerca do uso da expressão hospitalidade, que, para muitos, soa como algo próprio de um povo ingênuo, de pessoas sem autoconfiança, e reflete sobre isto ao falar de uma nostalgia da hospitalidade, *a nostalgia de uma inocência perdida* (p.30). Para ele, a expectativa de resgate do calor humano resulta em uma ética especial, a ética da hospitalidade¹⁸ (p. 31).

O mecanismo da dádiva, o “dar-receber-retribuir” analisado por Marcel Mauss em Ensaio sobre a Dádiva, perde-se no tempo. Não há mais espaço para desenvolver o sistema de trocas humanas baseadas na hospitalidade absoluta, quando entram em cena os negócios, o dinheiro que *estraga tudo e nenhum vínculo humano sobrevive se soldado pelo pagamento* (Camargo, 2007, s.p.).

Esta “inocência perdida” e a falta de calor humano ocorrem por conta das rápidas transformações pelas quais os seres humanos estão passando? Estamos prontos para tantas mudanças, em tão pouco tempo? Não há como recuperar ou restabelecer a “inocência perdida”? Estará ela realmente perdida ou apenas oculta? Talvez a falta de tolerância, a presença de hostilidades, a exclusão e a inexistência de calor humano sejam resultados

¹⁸ Camargo elenca esta ética como algo importante a ser trabalhado nos cursos de lazer, turismo e hospitalidade. Ética deveria ser trabalhada em todos os demais cursos!

destas mutações globais; é a concretude da lei causa e efeito!... criada pelo próprio Homem... este tornou-se lobo de si mesmo (Carneiro, 2001, p.223).

Roberto Carneiro, um dos membros da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, acredita que do *homo homini lupus* pode nascer o *homo homini amicus*, ou seja, o homem amigo do homem. Para restabelecer este "elo perdido" com a hospitalidade - para não mais colidir com seu antônimo, a hostilidade -, a educação poderia ser uma solução plausível. Para o autor a educação sempre foi uma tarefa social:

A formação da personalidade madura resulta tanto do fortalecimento da autonomia pessoal como da construção de uma alteridade solidária, ou seja, do processo de descoberta do outro como atitude moral. A humanização concebida como crescimento interior do indivíduo encontra seu pleno desenvolvimento no ponto onde se encontram de modo permanente os caminhos da liberdade e da responsabilidade. Os sistemas educativos são fontes, simultaneamente, de capital humano (...), capital cultural (...) e capital social... (p. 233).

O autor é consciente da difícil tarefa que isso pode ser. No entanto, cita *a formação para a justiça* (p.233) para reforçar essa eterna busca e também para que seja possível uma coesão social por meio da educação, fator imprescindível numa sociedade cada vez mais complexa, multicultural e multiracial onde a intolerância faz-se presente cotidianamente.

Outro membro da Comissão Internacional da UNESCO, Bronislaw Geremek (p.228), também ressalta a necessidade de respeitar a dignidade do ser humano e criar laços sociais, em nome da solidariedade. Isto recai, segundo o autor, sobre um dos quatro pilares da educação: "Aprender a ser". A educação não deve visar apenas a crianças e adolescentes, mas também os adultos. Por conta do contexto no qual vivemos, a mundialização, é preciso preservar as tradições, usos e costumes por meio do ensino de História e Ciências Sociais. Manter a própria identidade, suas especificidades e características não nos torna diferentes dos outros nem melhores que qualquer outra cultura, porém, é preciso evitar o egocentrismo e o xenofobismo.

Segundo Aleksandra Kornhauser (2001), outro membro da Comissão Internacional, é imperativa uma nova perspectiva em relação ao desenvolvimento humano sustentável, ou seja, entender o progresso obtido pela melhoria de qualidade de toda e qualquer atividade humana. Para a autora, a educação é o *cimento da construção* que possibilita

a integração de conhecimentos e de valores para se chegar a uma sociedade

mais humanista, criar um sentido muito forte de responsabilidade em relação ao meio ambiente local, nacional e mundial e avivar o entusiasmo que deve animar a vontade de viver juntos (p. 236).

Assim, a hospitalidade não é apenas bem receber, mas retribuir e dar, sem pensar no que virá em troca, receber de coração aberto e retribuir pelo simples ato de retribuir, como ocorria nas mais remotas e primitivas sociedades.

Camargo (Ramos, 2003)¹⁹ aponta a falta de hospitalidade nas destinações turísticas, *verdadeira doença do turismo atual* (p.16). Para o autor, organismos como a Organização Mundial do Turismo (OMT), levam em conta apenas a vertente econômica desta atividade, não os aspectos que realmente importam e, isto segue na contramão do que se deseja de fato, que é uma hospitalidade ilimitada que supere as fronteiras e acolha os indivíduos, independente de cor, etnia, religião e a motivação que faça este visitante demandar uma estada curta ou longa.

De acordo com Camargo (Ramos, 2003) a solidariedade é um clamor mundial e, portanto, não há dúvidas na impossibilidade prática de se ajustar um mundo, que se quer sem fronteiras, às fronteiras econômicas. E questiona:

¹⁹ Luiz Octávio Lima de Camargo prefacia a obra de Silvana Pirillo Ramos.

Por que, então, não aceitar integralmente a lógica do mundo globalizado pela abolição definitiva das fronteiras artificiais? (Camargo, 2003, p. 19).

Ramos (2003) explica que receber ou não receber bem é uma questão subjetiva, pois os olhares do anfitrião para os hóspedes, ou do autóctone para os forasteiros, vêm carregados de resistência, de valores, de medo de que se rompam suas verdades absolutas e certezas. A autora fala do bem receber, quando o hóspede ou forasteiro que ali se encontra vem por questões de consumo.

É preciso ultrapassar o olhar de consumo, ir além, e isto significa considerar o outro como semelhante, como uma possível experiência de contato positiva, exercitar a sensibilidade, questionar os valores éticos e pensar em responsabilidade social.

Para Ramos (2003), o homem é visto, pela “indústria da hospitalidade”, apenas como consumidor de um serviço, e por essa razão o atende melhor, não leva em consideração as relações humanas mas sim as comerciais. Para a autora, num mundo no qual as barreiras do tempo foram rompidas e as pessoas circulam sem considerarem mais as fronteiras; num mundo que se diz globalizado, a hospitalidade não pode ser reduzida a um mero serviço prestado por uma indústria. É preciso resgatar a hospitalidade

da esfera privada para a esfera pública. Já não se trata mais apenas de sentir-se bem recebido ou do considerar que se recebe bem, mas de um questionamento, de como se elaboram esses sentimentos, essas considerações e, principalmente, do quanto essa elaboração favorece as políticas públicas, mascarando uma realidade de opressão e desprezo aos direitos do outro (p. 29).

Para Santos (apud RAMOS) o “cidadão do mundo” é uma possibilidade distante, mesmo no século da globalização, onde as muitas fronteiras burocráticas foram eliminadas. Segundo Morin (apud RAMOS) é urgente trabalhar não apenas as questões técnicas para atender o mercado global, mas principalmente as questões ligadas à dignidade, ao desenvolvimento humano e à vida em sociedade. É imprescindível a preservação do pouco da hospitalidade que ainda há e, caso não reste mais nada, que seja recriada²⁰.

²⁰ “Desde sua criação, a UNESCO direciona esforços políticos, sociais e tecnológicos para superar a lacuna que divide o mundo entre ricos e pobres, reafirmando uma enorme desigualdade social. O desenho de políticas públicas, a realização de avaliações e pesquisas, o intercâmbio de informações, a capacitação de indivíduos, instituições e comunidades, as parcerias com as comunidades acadêmico-científicas e os projetos de cooperação técnica são os meios para colocar em prática os seus objetivos, entre eles, o de desenvolver ações que contribuam para o combate à pobreza e à desigualdade social. A pobreza é entendida como um fenômeno amplo que se refere à estrutura de bem-estar e de participação no cotidiano social e engloba diversos elementos – não somente relacionados à falta de recursos – como a desigualdade na distribuição de renda, a vulnerabilidade, a exclusão social, a violência, a discriminação, a ausência de dignidade, etc.” Ações como as desenvolvidas por este órgão e outras a ele associados são também exemplos de hospitalidade (www.unesco.org.com).

Plentz (2005) destaca a hospitalidade como o ato do encontro, do dar, receber, retribuir²¹. A autora alega ser a hospitalidade algo do ser humano, da sociedade e assim será com dificuldades que um lugar irá conseguir ser hospitaleiro caso seus próprios moradores não consigam 'enxergá-la' ou senti-la. Ela considera esse entendimento como uma forma de enraização de auto-estima, ou seja, quando houver, por parte dos povos a compreensão do que é seu e o quanto isto lhes é importante e válido, talvez possa propiciar entendimento aos que serão recebidos, *no sentido de querer mostrar sua cultura, seus costumes e suas raízes* (2005, p. 59).

Plentz fala da importância do acolhimento aos visitantes por parte da população autóctone e dos envolvidos com a atividade turística. Para a autora, eles são a *alma do lugar em ação* e qualquer localidade com potencial turístico que deseje desenvolver esta atividade deve levar em consideração *a humanidade, expressa pela hospitalidade* (p. 60).

Nos cursos de Turismo e Hotelaria, os aspectos técnicos não devem se sobrepor aos humanos. Será a hospitalidade uma questão cultural? Pode ser "ensinada"? De acordo com Hoebel (s.d.), a cultura é *a soma total, integrada, das características de comportamento aprendido que são manifestadas nos membros de uma sociedade e compartilhadas por todos* (s.d., p.208).

²¹ Marcel Mauss chama a "tríplice obrigação de dar, receber e retribuir" em sua obra *Ensaio sobre o Dom* (1923-1924). Alain Caillé, 2002.

Assim, se o desejo é colaborar para a formação de sujeitos que pertençam a uma sociedade baseada nos valores humanos e éticos, que leve em consideração o outro com suas especificidades e diferenças, a hospitalidade, passível (e imprescindível) de ser trabalhada em sala de aula com os universitários e futuros bacharéis em turismo.

2.1 Turismo

A chave da humanização da viagem é o novo ser humano. (...) Um ser humano que se encontrou (...). Que aprendeu a se olhar de frente e a relativizar a sua própria existência, encontrando outras culturas. Que cumpriu uma espécie de viagem interior, graças à qual ele adquiriu sabedoria, partindo da modéstia (...). Somente quando ele estiver pronto é que a viagem exterior poderá realmente tornar-se humana (Krippendorf, 2001, p.184).

A Organização Mundial do Turismo – OMT (2001) afirma que a ausência de definições conceituais objetivas que mostrem o turismo como atividade sócio econômica em sua real amplitude e a diferenciação dos demais setores advém da relativa juventude do turismo e de seu complexo caráter multidisciplinar. Afinal, o estudo do turismo engloba uma variedade de setores econômicos e disciplinas acadêmicas.

O órgão aponta a necessidade de se criar um marco conceitual que atue como ponto de referência para que, entre outras coisas, possa elaborar boas estatísticas turísticas internacionais (2001, p.38). Para a OMT,

o turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual²², por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras. (2001, p.38)

Acerenza, citando uma definição de 1905, mostra que já havia nessa época preocupação em pensar uma conceituação e definição para os deslocamentos que aos poucos foi se tornando uma atividade, evidenciando efeitos nas mais diversas e diferentes áreas. Um tanto romanceada, tal definição compreende todos os setores pelo qual o turismo se ramifica: o lazer, o contato com a natureza e outros povos, raças e culturas e a questão econômica:

Turismo, no sentido moderno da palavra, é um fenômeno dos tempos atuais, baseado na crescente necessidade de recuperação e mudança de ambiente, no conhecimento e na apreciação da beleza dos cenários, no gozo do contato com a natureza e é, em particular, produto da crescente fusão das nações e países da sociedade humana, como resultado do desenvolvimento do comércio, da indústria e dos mercados e do aperfeiçoamento dos meios de transporte (2002, p.31).

Os professores suíços Hunziker e Krapf elaboraram a definição adotada pela Associação Internacional de Especialistas Científicos em Turismo (AIST), em 1942 que diz ser o turismo o conjunto das relações e fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora de seu lugar de domicílio, porém tais deslocamentos e permanências no destino escolhido, não devem ter como motivação *atividade lucrativa principal, permanente ou temporal* (apud Acerenza, 2002:32).

²² A OMT afirma que "O entorno habitual de uma pessoa consiste em certa área que circunda sua residência mais todos aqueles que visita freqüentemente".(2001;38)

Uma definição incompleta e excessivamente técnica, segundo Acerenza, para quem o turismo é, essencialmente, uma atividade que lembra lazer, prazer, descanso, uma *forma particular do uso do tempo livre, e uma forma particular da recreação* (2001, p.33). E o turismo de negócios com hotéis e vôos voltados especificamente para este público? O turismo de saúde?

Para definir turismo, é preciso considerar alguns itens como: deslocamento de um ponto a outro, sempre pensando no retorno ao local de origem; razão que leva o indivíduo a empreender uma viagem, por lazer, prazer, descanso, negócios, saúde, religião, saudades, educação, aventuras no mar, na montanha, na neve, no ar.²³

A motivação é um dos três elementos que impulsiona ou favorece o indivíduo a sair em viagem; os outros são vontade e dinheiro. A ausência de um desses elementos inibe esse tipo de deslocamento.

Beni (2002) elenca 36 tipos de turismo, ou seja, 36 possíveis motivos que mobilizam o indivíduo à realização de uma viagem turística. São eles: climático e hidromineral; paisagístico; cultural; religioso; desportivo; folclórico e artesanal; científico; congressual; empresarial ou de negócio; de eventos fixos, sazonais, de oportunidades e monotemáticos; sócio-familiar; da terceira idade; megaeventos; aventura, étnico-histórico-cultural; incentivos; urbano; temático; educacional; saúde; esotérico; recreação e entretenimento; ecológico; ecoturismo; rural; agroturismo; especializado para novos segmentos de consumo; habitacional; habitação; hedonista; alternativo; virtual; jogo ou cassinismo; excentricidades; cívico institucional e sexual (p.422).

A Declaração de Manila²⁴ (Anexo 2) dispõe:

Artigo 23: toda concepção prospectiva do desenvolvimento social, cultural e econômico da

²³ Poderia citar o tempo de permanência, mais de 24 horas = turismo, menos de 24 horas = excursionismo, mas recairia num dos pontos técnicos das definições, válido para fins estatísticos. E turismo é mais do que isto!

²⁴ Documento resultante da Conferência Mundial de Turismo, celebrada em Manila (Filipinas), de 27 de setembro a 10 de outubro de 1980.

humanidade deveria levar em conta, devidamente, a atividade artística e recreativa, tanto nacional quanto internacional, que hoje é parte integrante da vida das sociedades nacionais e internacionais modernas. Ao conceber, assim, os valores reconhecidos do turismo, que constituem seus elementos inseparáveis, as autoridades se verão cada vez mais obrigadas a prestar uma atenção constante ao desenvolvimento da atividade turística e recreacional nacional e internacional. A origem dessa atividade está na participação cada vez mais ampla da população nas férias e nas viagens, bem como em outras causas que motivam o deslocamento dos indivíduos, com o propósito de expansão ordenada de turismo em harmonia com as demais necessidades fundamentais das sociedades (Acerenza, 2002, p. 339).²⁵

O turismo, como atividade de lazer, de recreação, de conhecimento (cultural), já possui seu lugar de destaque na sociedade atual, faz parte da vida das pessoas, no seu período de férias, nos feriados prolongados ou nos finais de semana, realizar algum tipo de deslocamento. Em viagens locais, regionais, nacionais ou internacionais, marítimas, aéreas ou terrestres, verão ou inverno, os cidadãos, que dispõem das condições necessárias para realizar tais deslocamentos, apropriaram-se do turismo como recompensa pela labuta anual. No caso brasileiro, a criação do Ministério do Turismo, em 2003, talvez seja uma resposta à relevância desta atividade por parte da população.

O psicólogo Abraham Maslow elenca as necessidades fundamentais do ser humano, mediante a figura da pirâmide²⁶ :

²⁵ Grifo meu.

²⁶ Fonte http://pt.wikipedia.org/wiki/abraham_maslow . Acessada em outubro de 2006.



Figura 1. Pirâmide de Maslow

Fonte: www.wikipedia.org/wiki/abraham_maslow

Os degraus da pirâmide devem ser escalados um a um, segundo Maslow. Ao “pular” um degrau, pode-se descer ao invés de chegar ao topo, porém, pode-se subir mais de um degrau em uma só vez, já que *não é necessária uma satisfação de 100 por cento para passar de um degrau ao superior*. (Montejano, 1996, p.148)²⁷.

O sociólogo francês Robert Lanquar²⁸ classifica as necessidades em econômicas, de identificação, prestígio e ostentação e vaidade. Estudiosos do turismo se apropriaram dessas teorias, pois em cada uma delas podemos notar a existência de uma “necessidade” que induz o indivíduo à realização de uma viagem turística.

²⁷ *Ya que no es necesaria una satisfacción del 100 por ciento para pasar de un peldão al superior.* (Tradução livre)

²⁸ Lanquar atuou junto a Organização Mundial do Turismo como diretor de marketing e de pesquisa nas empresas turísticas ligadas à OMT. Atualmente é diretor de turismo e desenvolvimento na EuroArab Management School, em Granada (Espanha). www.lemonde.fr/web/article. Acessada em outubro de 2006.

Em Maslow, a necessidade de auto-realização significa sentir-se completo, ou seja, atualização de si mesmo e desenvolvimento. Para Montejano, as necessidades

movem o indivíduo a realizar todo seu potencial (...) Este nível só podem alcançar as pessoas que tenham um alto nível de possibilidades e de cultura. É a necessidade de criar, de contribuir, de realizar-se, vinculada à escala de valores que cada pessoa tem.” (p.148)²⁹.

Lanquar aponta quatro necessidades como motivações para o indivíduo sair de sua residência com intenção de “fazer” turismo: identificação com a aventura pelas vantagens da novidade, variedade, juventude, prazer, independência, inovação; prestígio, a possibilidade de se fazer notar, de ser diferente, ter privilégios e ostentação e vaidade, ter status de poder, reputação, bom gosto (Montejano, p.149).

Tais teorias levam em conta apenas o prazer, o desejo e a vontade, não os motivos de viagem relacionados aos negócios ou à saúde. O ser humano sempre encontra um motivo para sair de casa com intenção de fazer turismo.

Para Acerenza (2002), *como consequência das necessidades específicas de alguma disciplina ou algum tipo de atividade* (p.39), surgiram definições utilizadas para fins estatísticos, comerciais, econômicos e jurídicos.

Se levarmos em consideração o lugar onde reside o turista e o âmbito de seu deslocamento, teremos o turismo internacional ou externo, nacional ou interno; se considerarmos a maneira como se realiza a viagem, teremos um turismo individual ou de grupo; de acordo com o tipo de viagem, a forma como foram efetuados os acordos

²⁹ Tradução livre. Texto original “mueven al individuo a realizar todo su potencial (...) Este nivel solo pueden alcanzarlo las personas que tengan un alto nivel de posibilidades y de cultura. Es la necesidad de crear, de contribuir, de realizarse, vinculada a la escala de valores que cada persona tenga.”

em relação à viagem, temos o turismo independente ou o turismo organizado; se tomarmos como base o tipo de operação realizada por algumas empresas turísticas, teremos o turismo receptivo e o turismo emissivo; quanto à permanência no lugar de destino temos o turismo itinerante ou residencial.

O turismo pode ser de massa (ou da maioria), elite (ou seletivo ou das minorias), social ou popular, de acordo com *as diferentes formas que pode adotar na sociedade* (Acerenza, 2002, p.53). Nosso enfoque recai sobre a “forma” adotada: o turismo social. Jordi Montaner Montejano (1996), enfatiza o aspecto social que envolve o turismo, afinal, são pessoas que o fazem!³⁰

A OMT aborda os aspectos socioculturais, o comportamento psicossocial das relações turísticas internacionais e dos povos e, com a ONU, destaca os valores sócio-espirituais do turismo. A Declaração de Manila (1980) (Anexo 2), adotada pela OMT, explicita:

Artigo 11: Por seus efeitos sobre a saúde física e psíquica de quem o pratica, o turismo é um fator de equilíbrio social, de aumento de capacidade de trabalho das coletividades humanas e de bem-estar individual coletivo.

Artigo 12: Pela amplitude dos serviços que sua realização exige, o turismo cria um número considerável de novas atividades, fontes de criação de empregos. Nesse sentido, constitui um elemento positivo no progresso social em todos os países onde é praticado (...)

Artigo 13: No âmbito das relações internacionais e em relação à busca de uma paz baseada na justiça e no respeito das aspirações individuais e

³⁰ Roberto Boullón, professor e estudioso do turismo, ao falar do Sistema de Turismo, confere ao turista a denominação de “elemento dinâmico do turismo”.

nacionais, o turismo aparece como um fator positivo e permanente de conhecimento e compreensão mútua, base de respeito e confiança entre todos os povos do mundo (Acerenza, 2002, p. 336).

É grande o otimismo em relação às características benéficas do turismo, que não se desenvolve como se imagina. Os turistas são alvos preferidos para chamar a atenção internacional, como noticiam os jornais: bomba em casa noturna na Indonésia onde se concentravam jovens turistas estrangeiros, atentado em aeroporto egípcio e outros.

A OMT³¹ destaca que, além dos aspectos internos de cada povo, como raça, etnia, cultura, antropologia e costumes, estabelecem-se relações com outros povos, *cujas vinculação é a atividade turística*³² (Montejano, 1996, p.92). E a Declaração de Manila complementa, ao anunciar, no artigo 16, a tentativa mundial de estabelecer uma nova ordem econômica internacional por meio do turismo. Este, em condições apropriadas, pode ser um modo de auxiliar no equilíbrio, na cooperação, na compreensão mútua e na *solidariedade*³³ *entre os povos* . (in Acerenza, 2002, p.337).

A Declaração de Manila destaca os aspectos sócio-espirituais do turismo

Artigo 21º: Na prática do turismo, sobre os elementos técnicos e materiais devem prevalecer os elementos espirituais. Esses elementos são, fundamentalmente os seguintes:

- *A realização plena do ser humano.*
- *Uma contribuição cada vez maior à educação.*
- *A igualdade de destino dos povos.*

³¹ A OMT e a ONU escolheram o ano de 1967 como o Ano Internacional do Turismo, sob o lema: "O turismo, passaporte para a paz". (Acerenza, 2002)

³² Tradução livre.

³³ Grifo meu.

- A liberação do homem, respeitando sua identidade e dignidade.

- A afirmação da originalidade das culturas e o respeito ao patrimônio moral dos povos.

(Acerenza, 2002, p.338)

O turismo, além de desenvolver valores espirituais, restaura a personalidade e a dignidade humana. O fenômeno turístico ramifica-se pelas mais diversas áreas, trabalha o espírito e o corpo do indivíduo, recuperando-o para retomar seus afazeres cotidianos. O turismo coloca o homem em contato com outros e o prepara para reencontrar a si mesmo, reencontrar o outro ou simplesmente encontrar-se.

O turismo não é apenas uma forma de evasão ou distração para romper com a monotonia do cotidiano ou uma maneira de dar vida ao gosto por aventuras. Como diz Montejano, é um fator de solidariedade do homem para com o homem e com o universo, pelas possibilidades de contatos e hospitalidade que promove³⁴.

2.2 Inclusão social e Turismo social

- Professora, por que a senhora me emprestou um livro cujo título traz a palavra exclusão, se a minha pesquisa aborda Inclusão ?

- Porque fica mais fácil a gente incluir, depois que compreendemos o que é e como se dá a exclusão (diálogo em sala de aula).

³⁴ Atuo junto a turmas de 3º e 4º ano (os cursos de bacharelado em turismo têm duração de quatro anos; algumas instituições reduziram para três recentemente) de cursos de graduação em turismo, estas nunca (!) tinham ouvido falar a respeito das Declarações de Manila, do Código Mundial de Ética do Turismo ou da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Isto causou surpresa, afinal estamos formando os futuros profissionais de turismo deste país, e certos "conselhos" ou "regras" deveriam ser passados aos alunos.

E assim teve início minha busca para compreender o real sentido da Inclusão social. Geremeck (2001) afirma que exclusão aparece na mitologia, em livros sagrados e é objeto de análise da antropologia cultural e da história social, tanto no passado como nos dias de hoje. O autor explica que exclusão não é uma invenção deste ou do século passado, mas vem acompanhando a história da humanidade, a partir de Caim.³⁵

Segundo o autor, a exclusão tornou-se um conceito corrente, tanto nas ciências humanas como na linguagem política, a partir dos anos 60 na Europa e Estados Unidos, e um problema para a sociedade, talvez, por conta de sua dimensão seja algo desconhecido ou ainda, *que a necessidade de coesão social tornou o fenômeno ainda mais dramático* (p. 230).

Martins (2003), entende que *exclusão, de fato, sociologicamente, não existe* (p.26) antes, *é aquilo que constitui o conjunto das dificuldades, dos modos e dos problemas de uma inclusão precária e instável, marginal* (p.26). O autor denomina a exclusão *de deus-demônio*, pois, a usavam e ainda usam, como se fosse capaz de explicar as mazelas sociais; para o autor houve uma fetichização da idéia de exclusão. Para ele o discurso corrente sobre exclusão resultou em um produto equivocado, uma *fetichização conceitual da exclusão* (p.27), como se a palavra tivesse o poder mágico de transformar e explicar tudo.

Para Martins, a exclusão advém com a sociedade capitalista, cuja lógica é “desenraizar” e excluir todos para incluí-los novamente segundo a sua própria lógica, ou seja, a lógica do mercado, do movimento, da circulação: *tudo tem de ser sinônimo ou equivalente de riqueza que circula, de mercadoria* (p.30). A sociedade capitalista precisava dos camponeses desenraizados e excluídos para trabalhar como operários

³⁵ Referência ao primeiro filho de Adão e Eva. Segundo a Bíblia, Caim e seu irmão mais novo Abel fizeram oferendas a Deus, e este olhou com agrado as ofertas do mais novo e não olhou para o primogênito. Isto causou sua ira que, desejando ser querido a Deus, matou seu irmão. Foi expulso do Éden pelo Senhor: “Que fizeste! Eis que a voz do sangue do teu irmão clama por mim desde a terra. De ora em diante, serás maldito e expulso da terra, que abriu sua boca para beber de tua mão o sangue do teu irmão.”(Gên 4, 10-11)

assalariados³⁶, movimentando o mercado. Uns aceitaram e se acomodaram à nova lógica, outros decidiram tentar uma nova vida em outros países.

Os camponeses expulsos do campo eram rapidamente absorvidos pelas indústrias. Assim, o tempo entre sua exclusão e reinclusão na produção e no mercado não era importante. Hoje não é mais assim, o tempo de excluído se prolonga e se instala, tornando-se um modo de vida, como afirma Martins (2003):

... o período da passagem do momento da exclusão para o momento da inclusão está se transformando num modo de vida, está se tornando mais do que um período transitório (p.33).

Este espaço de tempo faz com que o sujeito crie formas de se sentir incluído, pelo menos no que concerne às questões financeiras, como nas favelas, onde ocorre intensa circulação de dinheiro. Como sublinha Martins, não há reintegração social plena baseada nos valores morais, éticos, familiares que julgamos normais, saudáveis e legais.

Desse modo, gera-se um sujeito, de acordo com Martins, privado de emprego, de meios para participar do mercado de consumo, de bem-estar, direito, liberdade e esperança. E privar alguém de esperança – daquilo que acredita ser possível, da realização de um desejo, da espera de algo bom, de fé, é destituí-lo do direito de sonhar, de viver e sobreviver. É privá-lo dos direitos humanos compreendidos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948).

Pode o turismo contribuir para que a *população sobranete*³⁷ não mais se sinta privada de bem estar? A atividade turística pode restituir a esperança dessas pessoas?

³⁶ O assalariado não pode escapar-me se passa as montanhas para me fugir, encontra-me do outro lado dos montes; atravessa os mares, espero-o na margem onde desembarca. O assalariado é meu prisioneiro e a terra á a sua prisão (Lafargue, 1983, p.94)

³⁷ Termo utilizado por Martins (1997, p. 34).

Para Jair Militão da Silva (2003),

a educação busca sempre transformar uma dada realidade e só pode atuar em educação aquele que acredita na possibilidade de o ser humano mudar (p.39).

Esta fala diz respeito à educação comunitária, mas pode muito bem ser adequada àqueles que ensinam, partilham e estudam o turismo, ou seja, levar aos estudantes dos cursos de graduação em turismo, essa verdade de acreditar no que se faz e na possibilidade de que podemos, ou pelo menos tentamos, transformar, mudar para melhor o ser humano, suas ações e a sua realidade.

Seria uma maneira de fazer uso da hospitalidade, ao pensar na possibilidade de fazer algo de bom por alguém, de trazer a sensação de bem-estar, de esperança; quem sabe estaríamos, de alguma forma, dentro dos limites da atividade turística, incluindo-o. A inclusão pode ser associada à hospitalidade, ou seja, a inclusão social pode ser uma forma de hospitalidade na medida em que penso no outro.

Esta inclusão é permissível por meio do Turismo Social, uma das classificações atribuídas à atividade turística.

Turismo Social para Beni (2002), *é aquele que é fomentado com o objetivo de facilitar o turismo interno das classes menos favorecidas economicamente (p.421).*

Para Andrade (1998), é uma maneira diferenciada de viagem e tudo mais o que ela implica (hospedagem, alimentação, serviços e lazer), organizada de forma a viabilizar às pessoas de camadas sociais cujas rendas não lhes permitam tal evento, a menos que haja ajuda de terceiros.

Ripoll (2003) lembra que, na década de 50, esse tipo de turismo era ainda inexplorado. Assim optou-se por qualificá-lo de popular. O Turismo Social era assim chamado por ser turismo de trabalhadores, de operários, com a finalidade de proporcionar convivência e descanso. Os que desejavam denominá-lo de *popular*, o entendiam como um turismo a ser desenvolvido por pessoa de baixa renda e não um turismo de classe trabalhadora ou operária. (Ripoll, 2003).

Para a autora, atualmente preconiza-se uma forma de turismo para classe trabalhadora, estudantes, jovens e idosos de baixa renda. Nesse sentido, o turismo social é *uma espécie de corretor das insuficiências no desenvolvimento normal dos valores da pessoa, pelo que está estreitamente unido à denominada questão social*³⁸(p. 28). Este tipo de turismo é direcionado, por conta da sua natureza, a auxiliar na melhoria da situação de pessoas limitadas economicamente que geralmente não desfrutam da possibilidade de viajar ou tirar férias fora de casa, mesmo depois de um ano de trabalho(2003).

Segundo Almeida (2003), turismo social proporcionado sociopoliticamente pelo Estado e organizado por entidades da sociedade civil (assistenciais, profissionais ou outras) tem como objetivos a recuperação psicofísica e a ascensão sociocultural dos indivíduos, *de acordo com os preceitos da sustentabilidade, que devem estender-se às localidades visitadas.* (p.135).

Turismo Social é, segundo a definição do *Bureau International du Tourisme Social* – BITS, um conjunto de relações e de fenômenos resultantes da participação das camadas sociais de baixa renda no turismo. Esta participação se faz possível ou é facilitada por medidas de caráter social bem definido. (apud HAULOT, 1997)

³⁸ Grifo meu.

De acordo com Haulot (1997), ex-comissário Geral do BITS (Bureau Internacional du Turismo Social), o turismo social pode intervir de modo regulador nos aspectos económicos e compensatórios por representar o acesso ao turismo, de uma clientela massiva (quanto ao seu tamanho, a quantidade de pessoas) com pouca capacidade de gasto individual. Portanto, *os transportes, a pequena e média hotelaria poderão encontrar nessas massas a compensação e a redução dos recursos tradicionais*.³⁹ (p.124).

Para o autor, o Turismo Social representa a única oportunidade oferecida a milhares de cidadãos de *aprender a conhecer e estimular outros povos*⁴⁰ (p.124).

Haulot (1997) defende o uso do tempo livre como o elemento reparador para devolver ao trabalhador o equilíbrio físico, nervoso e psicológico, e assim recomeçar tudo outra vez, o que manteria um equilíbrio dos termos trabalho-ócio.

Ao turismo social não interessa apenas o *homo ludens* em si mesmo, mas o homem completo, o qual deve ser preparado para que o tempo livre que se amplia não seja uma evasão, mas uma oportunidade de realização, de tomada de consciência, um conteúdo mais rico e valorizado, gerador de dignidade e de felicidade. O que o turismo deve proporcionar não é precisamente um lugar encantado privado de todo contato com a vida diária, mas um meio de desenvolvimento para que o homem regresse a vida cotidiana com mais forças, mais cultura, mais inteligência; em poucas palavras, com mais capacidade e melhores meios para influir no cotidiano e transformá-lo. (Haulot, 1997). Ainda com o mesmo autor:

Não é mediante a evasão fora da sociedade que o trabalhador e o jovem devem esperar encontrar a salvação. É na vontade de corrigir

³⁹ *Los transportes, la pequeña y mediana hotelaria, las ramas turísticas conexas podrán encontrar en esta masa la compensación a la reducción de sus recursos tradicionales.* Tradução livre.

⁴⁰ *A conocer y a estimular a los otros pueblos.* Tradução livre.

esta sociedade, de dar à ela medida, um conteúdo de respeito ao ser humano. O turismo pode alimentar esta vontade, dar-lhe força, e assim continuar a: liberar, não alienar!” (p.131)⁴¹.

Bacal (2003) reconhece que o tempo livre, embora seja conquista legal e comum a todos os indivíduos, tanto quanto o lazer, um direito reconhecido como fundamental na vida das pessoas, *ainda hoje, os frutos dessas conquistas não são compartilhados por todos* (p. 139).

Haulot insiste na busca de algo melhor – que o turismo pode proporcionar - medido não em dinheiro, mas em felicidade, bem estar e dignidade. Para o autor, a indústria turística não ganhará apenas em termos econômicos, ao se voltar para esta forma de turismo, o social, mas se privilegiará de participar da *alegria de viver* (p.139).

Trata-se de atuar de tal modo que o turismo se revele a todos como uma ocasião privilegiada de mútuo descobrimento e conhecimento; como uma escola de solidariedade entre visitantes e visitados; como um lugar de pensamento e recreação onde se afirma o destino comum do qual, em nosso planeta, participa da vida consciente da espécie.

Para Silva (1996), a dignidade humana deve ser valor que oriente a conduta do ser humano, o que supõe um clima social adequado. Para o autor nos grupos, o indivíduo pode se sentir querido, valorizado, amado, respeitado, apoiado. Sentir-se pertencente fará o sujeito sentir-se incluído. Ao me dispor à inclusão do outro, uso uma das formas de hospitalidade, que é estar aberto ao outro, querer conhecer e conhecer o outro.

⁴¹ Tradução Livre do texto original. No es mediante la evasión fuera de la sociedad como el trabajador y el joven deben esperar encontrar la salvación. Es en la voluntad de corregir a esta sociedad, de darle su medida, un contenido respetuoso del ser humano. El turismo puede alimentar a esta voluntad, darle fuerza, si la consigna continúa siendo: ¡ Liberar, no alienar !

2.3 Significado da Pedagogia do Sujeito Coletivo

Um coletivo de pessoas é o sujeito coletivo que move a história; não um coletivo qualquer, mas somente aquele 'que vive uma experiência de unidade e solidariedade, dotada de identidade própria, capaz de iniciativa no seio da sociedade civil, no interior da qual vai elaborando as etapas sucessivas do projeto comum para uma nova convivência social' (Silva, 2006, p. 93)

Para Sacristán (2002), o ser humano é por natureza inclinado a estabelecer relações com outras pessoas, pois encontra nestas *uma referência inevitável para apoiar sua 'incompletude' original (...) Existimos coexistindo (p.103).*

Para o autor, cultura e sociabilidade não podem ser dissociadas, pois, a primeira como origem de significados acerca de tudo o que vemos, fazemos e desejamos, influi nas relações sociais e se reflete na forma como se percebe o outro, que sentido é dado a este, como agimos ou como nos comunicamos com ele. A introjeção dos valores aprendidos se manifestam em atos e ações, quer conosco e o com os que nos rodeiam. Para o autor, cultura e sociabilidade são os responsáveis por manter o sujeito conectado ao mundo dos homens.

Os significados atribuídos pelo homem a tudo que vê, pensa ou faz são desenvolvidos ao longo da vida; ao atribuir significado a alguém ou a alguma coisa, o homem mostra-se um ser cultural e social.

Herskovits (1963) considera muito adequada a definição de cultura de E. B. Taylor (1874): *um conjunto complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade* (p. 33). E acrescenta que tradição e civilização são sinônimos, e cultura *é a parte do ambiente feito pelo homem* (p. 33), e ainda, é aprendida e permite ao homem se adaptar ao seu ambiente natural que é variável e se manifesta de diferentes modos.

A cultura acumulada é transmitida entre membros de um mesmo grupo e dessa maneira se perpetua – seja na sua forma original ou modificada – é compartilhada e convivida com os outros grupos. A cultura e os seus aspectos são aprendidos e apreendidos no transcurso da vida e deste modo vivenciados socialmente. (Marconi e Presotto, 1992). Cultura, segundo as autoras, permite classificações, assim cultura *ideal*⁴² é entendida como um conjunto de comportamentos que verbalmente são considerados como bons para o grupo, no entanto nem sempre são praticados.

O homem, como uma totalidade privada e solitária, é como se não existisse, por ser um ser relacional, necessita dos demais para se desenvolver, fortalecer-se, conviver, viver bem e sentir-se civilizado.

De acordo com Silva (2006) a visão de mundo, ou seja, a forma de compreender a realidade constrói-se num processo contínuo mediante as trocas cotidianas, por vezes, imperceptíveis quando estabelecidas com as pessoas. Assim, as observações resultantes dessas ‘trocas’ influenciam os julgamentos elaborados sobre si mesmo, sobre os outros e sobre a própria realidade.

Sacristán (2002) entende a sociabilidade como um processo constante de formação que possibilita a abertura de novos horizontes, proporcionando novos conhecimentos, contatos e relações.

⁴² As classificações da cultura são: material, imaterial, real e ideal. (In: Marconi e Presotto, 1992).

O mesmo autor afirma não ser possível compreender a relação entre as pessoas sem a presença da cultura, pois o ser humano é *ser cultural e social em tudo o que faz, pensa e quer*. (p. 106). E lembra que a sociabilidade não é fácil de ser ‘governada’, mas existem meios que disponibilizam ‘instrumentos’ para facilitar a compreensão das relações sociais e sua relevância: a educação baseada na civilidade, na ética, na prevalência de valores humanos é o caminho (Sacristán, 2002).

Destarte, a cultura ao propiciar os laços de interdependência entre sujeitos fornece condições necessárias para o desenvolvimento da sociabilidade e pode ser entendida como um vínculo social que permite às pessoas aproximarem-se para compartilhar as *representações do mundo, os traços culturais em geral e os modos de comunicação, formando um genérico ‘nós cultural’* (Sacristán, 2002, p.100).

A Pedagogia do Sujeito Coletivo⁴³ vem ao encontro desta fala de Sacristán ao preconizar o entrosamento e agrupamento de pessoas que se reconhecem como participantes de um mesmo “nós-ético” e vai além, quando sistematiza uma pedagogia da formação desse sujeito.

Para Silva (2006), entende-se por sujeito coletivo um grupo de pessoas com uma identidade comum, ou seja, possuidoras de um juízo comum sobre determinada realidade, isto é o que as une.

A formação do sujeito coletivo não se dá automaticamente, é um processo que se inicia com o *encontro*, esse momento é impulsionado mais pela afetividade do que pela razão, aspectos como simpatia, antipatia, apatia ou empatia estão presentes.

O momento seguinte é caracterizado pelas *tarefas comuns* que o grupo assumirá. Aqui poderão se *afinar os julgamentos sobre a realidade* (Silva,

⁴³ SILVA, Jair Militão da. *A autonomia na escola pública – a re-humanização da escola*. 9ª. Ed. Campinas: Papyrus, 2006.

2006, p. 96). O *amadurecimento* dos integrantes do grupo é sentido pelo comprometimento de cada um em alcançar os objetivos e metas estabelecidas; esta é a terceira etapa do processo.

O grupo unido quer ser identificado, quer possuir uma *identidade grupal*, um nome. Isto, segundo o autor, é um dos fatores mais fortes que constituem um sujeito coletivo, *esta identidade será o elemento que garantirá um sentimento e um sentido de nós que terá força ética* (Silva, 2006, p. 97). Ao se reconhecer sujeito coletivo, interage com outros sujeitos, completando a quarta etapa do processo.

A última fase é manter a memória do grupo por meio da realização de uma obra, um verdadeiro sujeito coletivo procurará realizar alguma obra, segundo Silva (2006), *isto é conatural a sua existência* (p.99).

Para o autor, o sujeito coletivo, ao criar e manter sua identidade se torna uma possibilidade ao poder existente, pois, se constitui sujeito político, ou seja, fortalecido pela força do grupo pode lutar por mudanças sociais.

O mesmo autor (2006) a seu ver afirma que a história é feita com sujeitos coletivos concretos. Para ele a incorporação da *subjetividade, da personalidade* (p.92), ou seja, dos elementos que constituem a cultura, é o que possibilita um real contato com a dinâmica da história humana, que por sua vez, é feita por seres humanos concretos e *não por abstratos conjuntos derivados de um entendimento dedutivo da sociedade*. (p.92)

A razão de apresentar a Pedagogia de Sujeito Coletivo, como já dito na introdução, é por acreditar que ela venha contribuir para a formação de profissionais de turismo, sujeitos de suas práticas, capazes de desenvolver ações com significado e, assim, compreender, vivenciar, difundir e propagar uma hospitalidade baseada nos valores humanos, em relações sustentadas

pela cooperação, amor e amizade (Todorov⁴⁴, apud Sacristán, 2002), o contraponto das relações contratuais. É uma maneira de vivificar e re-qualificar a hospitalidade de Mauss.

A Pedagogia do Sujeito Coletivo responde a essas necessidades que se fazem necessárias na formação desse sujeito.

Os sujeitos, de um modo geral, respondem às condições culturais instauradas pela sociedade, Sacristán (2002) exemplifica: numa sociedade violenta, a violência se manifestará em seus indivíduos; numa sociedade competitiva, as relações estabelecidas entre os cidadãos serão competitivas e numa sociedade solidária os cidadãos responderão de modo cooperativo aos ideais reinantes.

Silva (2006) ressalta que toda pessoa é dotada de dignidade intrínseca – a dignidade humana- e por sua vez possui direitos inalienáveis, ao que ele chama de direitos humanos.

A educação pode favorecer aos indivíduos de uma sociedade, dando modos de exercer a sociabilidade baseada num modelo de vida cuja cultura seja concebida em formas dignas de viver e conviver.

A educação baseada nos valores humanos pode ser a resposta ao questionamento feito por Todorov (apud Sacristán, 2002), Niskier (2006) e Maria Tereza P. M. da Silva (2000) quando refletem a respeito dos sujeitos que se quer formar para o sociedade do futuro.

Tanto Niskier (2006) quanto Silva (2000) mencionam a ética em suas falas acerca da educação. O primeiro, baseando-se nas palavras de Ruy Martins Altenfelder Silva, lembra ser a ética, indiscutivelmente, *o bem mais importante – e o mais rentável – de uma sociedade* (p. 75) e explica que se

⁴⁴ Tzvetan Todorov, em sua obra *A Conquista da América: a questão do outro* (Marstins Fontes,1983), pesquisou a alteridade, existente na relação entre os indivíduos pertencentes a grupos distintos, obra que reflete a experiência vivida pelo autor, imigrante búlgaro na França, país marcado pelo xenofobismo .

todos fossem éticos sobriariam recursos. Maria Tereza P. M. Silva destaca a necessidade de *estabelecer uma ética para resgatar valores humanos fundamentais* (p. 120). Para a autora, educação é um caminho para o resgate desses valores e destaca,

A educação busca a formação de homens conscientes de suas limitações e de suas possibilidades. A formação é mais que transmitir um saber especializado. A ação educativa e os meios educativos (...) visam tornar as pessoas artífices de seu desenvolvimento e do desenvolvimento social; torná-las sujeitos do processo educativo. Esse processo é mediado pelo educador. A educação é um processo de transferência pessoal dos conteúdos espirituais de homem a homem (p. 135).

Tudo isso remete a um dos Quatro Pilares da Educação: Aprender a viver junto, aprender a viver com outros (Delors, 2001). Quando se aprende a conhecer a si mesmo, melhor será para conhecer e entender o outro que partilha o mesmo espaço ou não.

A *cultura ideal* que poderia dominar nos círculos sociais e nortear as políticas públicas educacionais e sociais deve ser baseada na ética da convivência, na qual a dignidade como elemento indispensável comporia o quadro de regras, bem como a hospitalidade, o respeito e valorização do outro.

Retomo Silva (2006) quando nos lembra que o homem é pessoa, constituída de corpo e alma, com capacidade de conhecer, decidir e responsabilizar-se. No entanto tais potencialidades não se dão de forma *espontânea nem automática* (p.82), faz-se necessário um trabalho de humanização para fazer aflorar tais qualidades. Cabe, em parte, a nós

educadores realizar este trabalho de humanização, pois, como fala o mesmo autor, ambiente primeiro e fundamental para que isto aconteça é a família.

Cabe à educação fornecer os mapas de um mundo complexo em constante transformação (Delors, 2001), e aos educadores, àqueles que 'enxergam' significado em suas ações, ser as bússolas para orientar os educandos a navegar pelos mares calmos e/ou tempestuosos que a vida apresenta. E nesta viagem a atitude de empatia deve ser desenvolvida e introjetada tanto nos 'guias' como nos 'viajantes' para que se sintam sujeitos partilhando com outros o mesmo ideal e perpetuem, como uma *tradição*, sua *memória* por meio de feitos que repercutam seus valores humanos resgatados.

Capítulo 3. DOCUMENTOS, DECLARAÇÕES e TRABALHOS REFERENTES AO TURISMO

“2. As atividades turísticas devem respeitar a igualdade entre homens e mulheres, devem tender a promover os direitos humanos e, especialmente, os particulares direitos dos grupos mais vulneráveis, especificamente as crianças, os idosos, os deficientes, as minorias étnicas e os povos autóctones .” 2º. Princípio do Código Mundial de Ética do Turismo.

A Conferência Mundial de Turismo foi celebrada em Manila (Filipinas) no período de 27 de setembro e 10 de outubro de 1980. Uma convocação feita pela Organização Mundial de Turismo (OMT)⁴⁵, que contou com a participação de 107 delegações, tinha como intuito esclarecer a função do turismo em

⁴⁵ A Organização Mundial de Turismo (OMT) é uma agência especializada das Nações Unidas e a principal organização internacional no campo do turismo. Funciona como um fórum global para questões de políticas turísticas e como fonte de conhecimento prático sobre o turismo. Tem sede em [Madri \(Espanha\)](#). A OMT possuía 157 países membros e mais de 300 Membros Afiliados, representando o setor privado, instituições educacionais, associações e autoridades locais de turismo. A OMT teve origem no Congresso Internacional de Associações Oficiais de Tráfego Turístico, realizado em [1925](#) na cidade de [Haia \(Holanda\)](#). Após a [Segunda Guerra Mundial](#), foi renomeada como União Internacional de Organizações Oficiais de Viagens (IUOTO) e transferida para [Genebra](#). A IUOTO era uma organização não-governamental que chegou a reunir 109 Organizações Nacionais de Turismo e 88 membros associados dos setores público e privado. Em 1974, de acordo com uma resolução da assembleia Geral das Nações Unidas passou a ser um órgão intergovernamental. Tornou-se agência especializada no ano de 2003. (www.world-tourism.org). Acessado em junho de 2007.

relação ao seu desempenho no mundo dinâmico, seus aspectos, examinar as responsabilidades dos Estados no desenvolvimento da atividade, sua expansão em meio as sociedades modernas, prevalecendo as relação sociais entre as nações e os povos. Desta Conferência resultou a *Declaração de Manila sobre o Turismo Mundial* que trago para análise. (ANEXO 1)

No artigo 4º, evidenciando o caráter humano que contemplou as reuniões da Conferência, declara ser conseqüência natural, após o trabalho desempenhado durante um ano inteiro, o direito ao uso do tempo livre, o direito férias e à liberdade de viagem e turismo. Tais propostas são reconhecidas e corroboram para o desenvolvimento da personalidade humana estabelecida na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Segundo o mesmo artigo traz, é dever da sociedade criar para seus cidadãos condições práticas de acesso efetivo e sem discriminação a esse tipo de atividade. *Tal esforço deve ser concebido em harmonia com as prioridades, as instituições e as tradições de cada país.* (Acerenza, 2002,p. 335).

A importância do turismo para a qualidade de vida das pessoas é conferida no artigo 9º da Declaração. Ao manifestar ser o turismo uma *exigência que os governos devem levar em conta* (in: Acerenza, p. 336), revela também, ser esta atividade empreendida por milhões de pessoas no emprego do seu tempo livre.

O artigo 10 defini o turismo social como *um objetivo que cada sociedade deve alcançar para todos os cidadãos menos favorecidos no exercício de seu direito ao descanso.* (Acerenza, 2002, p. 336).

A Declaração de Manila foi concebida pensando na ordem mundial, em desenvolver um clima de paz e segurança, com o auxílio dos esforços mútuos dos Estados. O turismo social⁴⁶ é contemplado em seus artigos, como mais um propósito estabelecido, o de assegurar aos cidadãos condições para usufruírem de seu tempo não laboral, viajando o que vai ao encontro dos

⁴⁶ Mais comumente o turismo social é realizado dentro das próprias fronteiras do país que o realiza.

direitos humanos proclamados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948).

O artigo 22 aponta os benefícios do binômio educação – turismo

A preparação para o turismo deveria fazer parte da preparação à responsabilidade cívica dos cidadãos. Nesse sentido, é desejável que os governos apliquem por si mesmos os meios de educação e de informação de que dispõem e que facilitem a ação dos indivíduos e das entidades que se dedicam a essa tarefa. Seria conveniente que a preparação para a prática do turismo das férias e das viagens fizesse parte do processo de formação da juventude. Assim, a integração do turismo aos métodos de formação da juventude constitui um elemento fundamental de uma educação que favoreça a consolidação permanente da paz.

Verifica-se neste artigo a importância que a educação no campo do turismo teve para este grupo. Realizar uma viagem de turismo, seja qual for a motivação, confere ao autor deste deslocamento, o necessário conhecimento prévio que se deve ter a respeito de outras culturas, para poder assim respeitá-las e aceitar suas especificidades, saber comportar-se em ambientes diferentes do entorno habitual. Respeitar as características de um povo e seu habitat é condição da hospitalidade e promover o conhecimento é parte fundamental da educação, o que propicia ao indivíduo-viajante o conhecimento da sua própria realidade e de seus semelhantes.

Para entender o outro, sua cultura e suas relações, é essencial conhecê-lo para assim compreender. Só quando valorizamos o que é nosso, podemos perceber o valor do outro e de sua cultura. Aceitar as diferenças é uma forma de compreensão, e isto é civilidade.

O *Código Mundial de Ética do Turismo* (ANEXO 2), documento composto por 9 artigos (ou princípios) aprovado por unanimidade na Assembléia Geral de representantes da indústria turística mundial, delegados dos Estados, territórios, empresas, instituições e organismos, em Santiago do Chile, em 1º de outubro de 1999, reafirma os objetivos da Organização Mundial do Turismo, visando contribuir para a expansão econômica, compreensão internacional, paz e prosperidade dos países, bem como para o respeito universal e observância dos direitos do homem e das liberdades fundamentais, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião. (in: <http://rec.web.terra.com.br/hoteltur/codigo.htm>)

O item 7.2 do 7º Princípio do Código, estabelece o Direito do Turismo:

*O direito ao turismo para todos deve ser visto como consequência do direito ao descanso e aos tempos livres e, em particular, a uma razoável limitação da duração do trabalho e licenças periódicas pagas, conforme é garantido no artigo 24 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, e no artigo 7.1 do Pacto Internacional relativo aos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais.*⁴⁷

O documento baseou-se em instrumentos, alguns mencionados neste trabalho, para elaborar seus princípios, como a Convenção de Varsóvia sobre o Transporte Aéreo (outubro de 1929), Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (dezembro de 1966), Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Cultural e Natural Mundial (novembro de 1972), Declaração de Manila (outubro de 1980), Carta do Turismo e Código do Turista (Sófia, setembro de 1985),

⁴⁷ Artigo 24 – “Toda pessoa tem direito a repouso e lazer, inclusive a limitação razoável das horas de trabalho e a férias remuneradas periódicas”. (Declaração Universal dos Direitos Humanos - 1948).
Artigo 7.1 – “um salário equitativo e uma remuneração igual por um trabalho de igual valor, sem qualquer distinção;...” (Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais -1966).

Declaração do Rio de Janeiro sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (junho de 1992), Declaração de Estocolmo contra a Exploração Sexual de Crianças com Fins Comerciais (agosto de 1996), entre outras tantas conferências, resoluções e declarações.

Em todos os documentos observam-se eixos comuns, como a preocupação de oferecer o melhor para os cidadãos, no que tange à segurança, oportunidade, motivação, responsabilidade quanto ao meio ambiente, à natureza frágil das crianças e à equidade entre os povos. Sempre atrelando, poder público ao privado, a necessidade de colaboração de todos, Cada qual promovendo, sem desrespeitar as limitações individuais, a valorização individual e social que este fenômeno que é o turismo pode proporcionar.

Políticas públicas são as respostas que os governos dão, por meio das ações de seus dirigentes, aos problemas demandados pela sociedade (Azanha, 2004). O Plano Nacional de Turismo 2007-2010 é resultado dessa demanda. Lançado oficialmente em 13 de junho de 2007, recebeu a denominação *Uma viagem de inclusão*.

Trata-se de um documento referencial dividido em duas partes: a primeira traz os resultados da atividade turística no período de 2003-2007 (primeiro Plano Nacional do Turismo) em todos os seus setores e a segunda apresenta as metas e perspectivas do desenvolvimento da atividade no Brasil para os próximos 3 (três) anos.

É o resultado de um processo democrático de reflexão sobre a realidade do setor turístico nacional, utilizado como instrumento norteador do Ministério do Turismo (criado em 2003). Coordenado pelo Ministério do Turismo, por meio da Secretaria Nacional de Programas de Desenvolvimento do Turismo e do Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), contou com a participação do Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília (UNB), Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Faculdade Getúlio Vargas (FGV), mobilizando 220 pessoas que, representando 50 instituições, tiveram participação direta na sua elaboração.

O PNT 2007-2010 (ANEXO 3) aponta as principais questões e limitações da atividade turística para os próximos anos, agrupadas em eixos *temáticos* para um melhor entendimento de cada setor.

O capítulo I item 5 trata da Estruturação e Diversificação da Oferta:

(...) O Turismo Social, buscando identificar os diversos segmentos com potencial a ser trabalhado, deve ser visto como política transversal para promover inclusão, privilegiando a ótica de cada um dos distintos atores envolvidos na atividade: o turista, o prestador de serviços, o grupo social de interesse turístico e as comunidades receptoras e, nesse sentido, deve ser entendido como a forma de conduzir e praticar a atividade turística, promovendo a igualdade de oportunidades, a solidariedade, a equidade e o exercício da cidadania na perspectiva da inclusão(Plano Nacional de Turismo 2007-2010, p. 50).

Ele menciona a inclusão, a competitividade e incentivo à estratégia de segmentação como alguns dos objetivos do Plano que serão *perseguidos na diversificação e estruturação da oferta turística do país* (p.48).

No eixo temático Fomento, no item Acesso ao Crédito, percebe-se preocupação com o Turismo Social: *Facilitar o acesso ao crédito para os meios de hospedagem alternativos, por meio de programas de fomento, visando à prática do turismo jovem e social* (Plano Nacional de Turismo 2007-2010, p. 95).

O turismo assume papel de maior importância no desenvolvimento do país, sendo *socialmente incluyente* (p.87), podendo contribuir para o combate à pobreza ao reduzir as desigualdades, o que o coloca entre as *prioridades orçamentárias* (Plano Nacional de Turismo 2007-2010, p. 84). Ao mencionar a redução das desigualdades sociais, entende-se que a atividade turística quando desenvolvida de modo planejado e ordenado, beneficia diferentes e inúmeros setores da sociedade.

Para atual Ministra do Turismo, Marta Suplicy, a inclusão social é uma das boas novas contidas no plano: *Nossa prioridade será a de dar musculatura, fortalecer o mercado interno principalmente por meio da inclusão de pessoas que nunca consumiram o turismo*. (Folha de São Paulo, caderno 3, 14 de junho de 2007).

O eixo temático Promoção, Marketing e Apoio à Comercialização visa a consolidação do turismo brasileiro no mercado externo e interno, por uma atividade que reflita um país hospitaleiro, com serviços qualificados, com segurança e sustentabilidade para todos que “consumam” este produto.

No mercado interno deve buscar, fundamentalmente, o aumento de viagens com a inserção de novos grupos de consumidores até então excluídos deste tipo de consumo, seja através de propostas de programas sociais, seja derrubando o mito de que o turismo é uma categoria de consumo exclusiva das elites nacionais e estrangeiras (Plano Nacional de Turismo, 2007-2010, p. 97).

Tal forma de turismo pode ser benéfica para o cidadão e para os empreendimentos hoteleiros, pois, qualquer época é válida para viajar por lazer, e isto ameniza a ociosidade que ameaça os hotéis fora da estação de turismo:

Fortalecer o Turismo Social no Brasil como forma de beneficiar o trabalhador brasileiro e diminuir a ociosidade da rede hoteleira nacional, através da utilização dos equipamentos e serviços turísticos, na alta e baixa temporada (Plano Nacional de Turismo, 2007-2010, p. 99).

O cidadão, o Estado e o setor produtivo estão envolvidos nesse processo de desenvolvimento sustentável, que:

pressupõe a integração de soluções nos campos econômico, social, cultural e ambiental, com comportamento e prática pautados por padrões éticos concretos e obediência aos princípios gerais contidos no Código Mundial de Ética do Turismo da Organização Mundial de Turismo (2000) (Plano Nacional de Turismo 2007-2010, p.87).

Ao expressar interesse pelo incremento das ações voltadas ao Turismo Social, o Plano Nacional de Turismo 2007-2010 mostra intenções inclusivas. Se entendemos políticas públicas como as respostas que os governos dão às demandas sociais, nota-se que às referentes ao turismo, pelo menos proclamados pelo Ministério do Turismo, estão respondendo, favoravelmente, à sociedade.

A Associação Brasileira de Cooperativas e Clubes de Turismo Social (ABRASTUR), criada em 2004, pessoa jurídica de direito privado, de âmbito nacional e sem fins econômicos, conta com a parceria do Ministério do Turismo. Reúne cooperativas, clubes de hotéis, lazer e Turismo Social com a finalidade de proporcionar ao trabalhador brasileiro e a seus familiares acesso ao descanso, lazer e turismo com preços acessíveis, visando:

- *representá-los perante o público e os Poderes Públicos; (...)*
- *estimular o intercâmbio entre as Cooperativas e Clubes de Turismo; (...)*
- *funcionar em caráter de órgão consultivo e de assessoramento para os Associados nas matérias e nas questões que respeitem o Sistema de Turismo Social;*
- *zelar pelo cumprimento dos princípios éticos previstos (...) no Código de Ética, disciplinadores da atividade e da atuação no sistema de Turismo Social⁴⁸;*
- *estimular a formação e a expansão do Turismo Social;*
- *divulgar institucionalmente o Sistema de Turismo Social e as atividades da Associação por qualquer meio ou forma, inclusive pela elaboração de informativos, boletins, manuais, revistas e periódicos;*
- *colaborar, como órgão técnico e consultivo, no que se refere ao estudo e à solução de questões relacionadas com o Sistema de Turismo Social junto aos Poderes Públicos e às autoridades. (www.abrastur.com.br).*

A ABRASTUR, ao reunir *clubes de turismo*, adquire força representativa no país maximizando o poder de *barganha* junto aos empreendimentos hoteleiros, para obter preços mais baixos nas tarifas hoteleiras (informações cedidas por um representante da ABRASTUR por meio de mensagem eletrônica- Anexo 4).

Os associados da ABRASTUR são:

⁴⁸ Grifos meus.

- Sistema Brasileiro de Hotéis, Lazer e Turismo (SBTUR), há duas décadas presente no *mercado do turismo social* (www.sbtur.com), viabiliza viagens e hospedagem em território nacional, por meio de taxas mensais pagas pelos seus associados. Está associado às companhias aéreas e cadeia hoteleira;

- na mesma linha há o BANSTUR, conforme informações obtidas por mensagens eletrônicas, quando da sua criação atendia somente funcionários do banco Banespa, mostra-se como *sistema participativo* que garante férias e lazer com redução de 70% na hospedagem dos seus associados, no Brasil e exterior com base em títulos de férias de diversas modalidades (www.banstur.com.br);

- MERIDIEN, diz-se um sistema de Turismo Social, com mais de 20 anos de experiência no Brasil, como os anteriores, mediante pagamento de taxas de inscrição e de manutenção, possibilita aos associados viagem e hospedagem (www.meridiencolube.com.br) e,

- BOM TUR, que se denomina clube de turismo e *um agente de inclusão social que busca permitir o acesso ao lazer a todas as pessoas independentemente de sua condição socioeconômica* (www.bomtur.com.br).

Estes *sistemas*, simplesmente, vendem viagens de lazer de forma mais econômica. Será apenas isto o suficiente para incluir? Retomando Martins, questiona-se: esses sistemas de turismo não seriam um mascaramento da situação econômica? Como se dá tal turismo social? É realmente inclusivo ou uma forma de *inclusão precária e instável, marginal?* (2003, p. 26).

Seria um pensar relacionado

àqueles que estão sendo alcançados pela nova desigualdade social produzida pelas grandes transformações econômicas e para os quais

não há senão, na sociedade, lugares residuais
(p. 26).

Percebe-se nestes Sistemas uma visão restrita, na qual a inclusão não está compreendida em sua plenitude, deste modo, nem a hospitalidade.

Pensando nos estudantes de turismo ou profissionais da área, bem como nos organismos que estudam e trabalham esta atividade, buscou-se no Fórum Mundial de Turismo⁴⁹, encontrar a participação destes por meio de trabalhos apresentados que conjuguem os temas desta pesquisa – Turismo Social, Hospitalidade e Inclusão Social, afinal um dos objetivos deste Fórum é *renovar e disseminar realizações concretas e inovadoras, que resultam em projetos demonstrativos*. (www.desti-nation.net)

O Fórum Mundial de Turismo organizado pela Fundação Turismo para Paz e Desenvolvimento Sustentável, é uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos e foi criada em 24 de novembro de 2003 com o intuito de promover e coordenar a realização do Fórum Mundial de Turismo para Paz e Desenvolvimento Sustentável idealizado como um movimento internacional que busca constituir novos modelos e formas de associar o turismo ao desenvolvimento sustentável. A Fundação atua em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO), a Organização Mundial do Turismo (OMT), o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e o Ministério do Turismo do Governo do Brasil. Conta também com o apoio do Ministério do Trabalho e Emprego, da Cultura e do Meio Ambiente e, tem como parceiro executivo o Instituto Hospitalidade⁵⁰(In:www.desti-nation.net).

Buscou-se nas 3 (três) versões do Fórum temas apresentados que se aproximassem dos temas pesquisados: turismo social, inclusão social e hospitalidade.

⁴⁹ Sua missão é: “Uma vez por ano, pessoas e entidades de todo o mundo se reúnem em Encontros Anuais para analisar os resultados obtidos, os novos conhecimentos gerados, e as perspectivas para o futuro do Fórum Mundial de Turismo para Paz e Desenvolvimento Sustentável. Cada encontro conta com uma agenda técnica, com palestras, conferências, painéis de debates, workshops e seminários. O conteúdo vem de instituições gestoras de projetos demonstrativos, especialistas, acadêmicos, pesquisadores, e representantes de comunidades, governos, empresas, e do Terceiro Setor.” (www.desti-nation.net)

⁵⁰ Organização brasileira não governamental, sem fins lucrativos, formada em 1997, por entidades voltadas para o turismo, educação, cultura, trabalho e meio ambiente. (In: <http://www.hospitalidade.org.br>). Acessado em novembro 2006.

Foram 13 os temas do 1º Fórum Mundial de Turismo que aconteceu na cidade de Salvador (Bahia) no período de 1 a 3 de dezembro de 2004: Sustentabilidade de destinos; Turismo sustentável e infância; Ecoturismo; Turismo e cultura; Parques nacionais; A mídia e a causa do Fórum Mundial de Turismo; O fator paz; Patrimônio cultural; Re-invenção de destinos turísticos; Envolvendo a comunidade local; Destinos turísticos ambientalmente sustentáveis e *Inclusão social*. Sobre este último tema, foram apresentados 2 trabalhos internacionais:

Inclusão Social		
Oficinas de Ofício	Amparo Gomez	Agência Espanhola de Cooperação Internacional (AECI)
<u>Turismo e Redução da Pobreza - O Caso da Indonésia</u>	Thea Sinclair	Universidade de Nottingham

Quadro 1 Inclusão Social I

Fonte: Fórum Mundial de Turismo 2004 – Material apresentado pelos palestrantes. (In: www.desti-nations.net)

No 2º Fórum, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro no período de 24 a 27 de outubro de 2005, foram apresentados 44 trabalhos em forma de Painéis, Seminários, Reuniões e Grupos técnicos de trabalho (estes dois últimos apenas para convidados), que variaram em torno de 20 temas: Turismo sustentável e infância; Turismo e mídia; Rede de redes; FMT (Fórum Mundial de Turismo) e desenvolvimento social; FMT e desenvolvimento econômico; FMT e preservação da biodiversidade; FMT e condições para a paz; FMT e diversidade cultural; FMT e esportes; FMT e mídia; *Movimento Brasil – cultura brasileira de hospitalidade*; Movimento Brasil-destinos turísticos; Movimento Brasil – casos brasileiros; Conferência de modelagem e competitividade do turismo; Turismo, crédito e microcrédito; FMT e crédito e microcrédito; Seminário Ibero-Americano de turismo e artesanato; Reunião do Fórum dos secretários de turismo; Reunião- certificação em turismo sustentável (PNUMA) e *Grupo técnico de trabalho de câmara de turismo social*.

MBTC - 2º Encontro anual do movimento Brasil de turismo e cultura *

Mesa de Abertura: Cultura Brasileira de Hospitalidade **PAINEL 05 25/10, 9:00 às 12:00**

Tema	Palestrantes	País	Instituição
Mobilização das partes interessadas pelo desenvolvimento local sustentável, através da valorização da cultura e do turismo, com representantes governamentais, de instituições acadêmicas, culturais e de fomento, empresariado e terceiro setor.	Sergio Foguel	Brasil	Fundação Turismo para Paz e Desenvolvimento Sustentável
	Milton Zuanazzi	Brasil	Ministério do Turismo do Brasil
	Sergio Mamberti	Brasil	Ministério da Cultura do Brasil
	Viicius Lages	Brasil	Brazil Micro and Small Business Support Service - SEBRAE

Cultura Brasileira de Hospitalidade - marco conceitual e debates

Moderador: Vinicius Lages (SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas)

Debate em torno de uma Cultura Brasileira da Hospitalidade, tanto naquilo que encerra enquanto traço simbólico e identitário de um país e suas nuances, quanto no que implica em termos de atratividade comercial e oportunidades de negócios	Alexandre Zubarán	Brasil	Costa do Sauípe Resort
	Antônio Carlos Gomes da Costa	Brasil	Modus Fasciendi
	Silvestre Teixeira	Brasil	Instituto de Hospitalidade
	Luis Fernando Medeiros Carvalho	Brasil	Universidade Federal Fluminense
			Universidade Federal

GTT - Turismo Social **

8ª Reunião do Grupo Técnico Temático de Turismo Social **PAINEL 18 - oct 25 , 14:30 - 17:30**

Abertura: Milton Zuanazzi (Ministério do Turismo - Brasil)

Tema	Palestrantes	País	Instituição
O Programa de Regionalização e outras ações em andamento para a consolidação da proposta e formulação de uma política de implementação do Turismo Social	Tânia Brizolla	Brasil	Ministério do Turismo
O GTT de Turismo Social - Retrospectiva histórica do trabalho da Câmara de Segmentação	Mara Flora Lottici Krahl	Brasil	Serviço Social de Comércio - SESC/Rio

Quadro 2* Cultura Brasileira de Hospitalidade I

Fonte : Fórum Mundial de Turismo 2005 – Programação (In:www.desti-nation.net)

Quadro 3 ** Grupo Técnico Temático de Turismo Social

Fonte: Fórum Mundial de Turismo 2005 – Programação (In:www.desti-nation.net)

Em 2006, na cidade de Porto Alegre (Rio Grande do Sul), no período de 29 dez a 02 de dezembro aconteceu a 3ª versão do Fórum Mundial de Turismo. Com 33 temas organizados e distribuídos em Colóquios, Conferências, Palestras, Reuniões, Seminários e Sessões Plenárias: Turismo em áreas protegidas; Novas tendências e destinos; Envolvendo comunidades locais; Desenvolvimento rural sustentável; Parceiros público – privado; Gastronomia; Turismo e desenvolvimento : impactos e cenários econômicos; Qualidade no setor de turismo – modelos e experiências de avaliação; O fator qualidade; Turismo e indústria cinematográfica; O olhar do viajante; Movimento pela paz; Gestão estratégica de destinos; Aliança natural por um turismo consciente da biodiversidade; Gestão de qualidade do patrimônio histórico artístico e cultural; Turismo sustentável e infância; *Cultura brasileira da hospitalidade*; Jogos Pan-Americanos 2007; Desenvolvimento rural integrado; Acessibilidade no turismo; História, arte, cultura e turismo; A mídia e a cauda do FMT (Fórum Mundial de Turismo); Promovendo o desenvolvimento local sustentável; Reunião do Comitê de apoio à qualidade e ao comércio da OMT (Organização Mundial de Turismo); *Juventude e inclusão social*; Oportunidades para a juventude e Produção associada ao turismo

3.19.02 - 3º Colóquio sobre Cultura Brasileira da Hospitalidade

O programa contempla o 3º Colóquio sobre Cultura Brasileira da Hospitalidade, que encerra a primeira rodada de coleta de questões, experiências e visões sobre o tema. O Colóquio resultará em publicações e vai subsidiar a realização de um seminário em 2007.

PUC - 40 - Auditório Azul 30/11/06 14:30:00

País	Casos	Palestrantes	Instituição
------	-------	--------------	-------------

Brasil	3º Colóquio sobre Cultura Brasileira da Hospitalidade	Luís Augusto Fischer, Antônio Carlos Gomes da Costa, Luiz Felipe Carneiro da Cruz, Geraldo Castelli	UFRGS, Modus Faciendi, Instituto de Hospitalidade, Escola Superior de Hotelaria, Secretaria de Turismo de Canela/RS
--------	---	---	---

Quadro 4: Cultura Brasileira de Hospitalidade II

Fonte: Fórum Mundial de Turismo 2006 – Apresentações. (In: www.desti-nations.net)

2.01.10 - Juventude e Inclusão Social

O Objetivo deste Painel é de conhecermos e discutirmos casos concretos de organizações sociais que estão trabalhando o tema do Turismo como prática efetiva de inclusão social de jovens em diversas partes do mundo. Queremos conhecer como se as iniciativas inscritas estão mudando os destinos de jovens, de seus familiares, comunidades e dos próprios sítios turísticos onde estão localizadas.

PUC - 41 - Sala/Room 04 01/12/06 08:30:00

País	Casos	Palestrantes	Instituição
Brasil	Liderança para o futuro	Dominique Bovens	AIESEC
Senegal	The Youth and the Ecotourism development: Eco-wil Tours, an initiative	Djigueul Lassy	Eco-wil Tours
Brasil	Projeto Bagagem	Cecilia Zanotti	Associação Projeto Bagagem
Brasil	Young tourists	Claudio Roberto Stacheira	International Institute for the Development of Citizenship (IIDAC)
Brasil	Inserção de jovens de baixa renda no setor de turismo: a experiência do Trilha Jovem	Naira Santos Lima	Instituto de Hospitalidade
Brasil	Projeto Cabucu	Rodrigo Morales	Projeto Cabucu

Quadro 5: Inclusão Social II

Fonte: Fórum Mundial de Turismo 2006 – Apresentações. (In: www.desti-nations.net)

Analisando os quadros supracitados, observa-se:

- no quadro 1, com o tema *Inclusão Social*, os casos apresentados no FMT 2004 são internacionais, ou seja, nenhuma produção nacional de casos concretos, ou ainda por se concretizar foi demonstrada;

- no quadro 2, também ocorrido no FMT 2004, que trata a *Cultura Brasileira da Hospitalidade* apresenta a hospitalidade como uma característica da cultura brasileira que confere *atratividade comercial e oportunidade de negócios*;

- no quadro 4 (FMT 2005) dá continuidade ao debate do Fórum anterior, ou seja, ambos tratam a Hospitalidade compreendida pelo senso comum, e não a pretendida nesta pesquisa;

- no quadro 5, apesar de trazer em seu objetivo o turismo como uma prática inclusiva, não trabalha o Turismo Social. Pesquisando os cinco trabalhos (nacionais) propostos, observou-se:

- o caso *Liderança para o futuro* foi apresentado pela holandesa Dominique Boves, que, patrocinada pela Association Internationale des Etudiants em Sciences Economiques et Commerciales (AIESEC)⁵¹, apresentou o resultado de seu programa de intercâmbio desenvolvido junto à *Pequena Casa da Criança*, na cidade de Porto Alegre;

- o *Projeto Bagagem* em parceria com a ONG Grãos de Luz e Griô foi apresentado por Cecilia Zanotti. Trabalho realizada na cidade de Lençóis (Bahia) com foco no *turismo comunitário*, oferecem viagens à pessoas que buscam *um tipo de turismo diferente, optando por uma viagem mais simples mas que o possibilita conhecer verdadeiramente o modo de vida da comunidade e a realidade local* (www.projetobagagem.org). Parte do dinheiro arrecadado por meio destas viagens é repassado para a comunidade receptora;

- *Young Tourists* (Jovens Turistas), apresentado por um integrante do Instituto Interamericano de Cooperação para La Agricultura (IIDAC). É um projeto desenvolvido nos Estados do Paraná e Goiás que utiliza o turismo como estratégia

⁵¹ A AIESEC surgiu em 1948, com a iniciativa de estudantes de sete países europeus, com o propósito de promover o intercâmbio de técnicas administrativas e recursos humanos. Esta associação, promove o que eles denominam de programa de intercâmbio, cujo objetivo é a complementação da formação acadêmica por meio de experiências práticas em nível internacional. O candidato, geralmente jovens recém graduados, passa por um processo de seleção e treinamento para proporcionar a este jovem morar em outro país e desenvolver um trabalho remunerado pelo próprio AIESEC. Chegou ao Brasil em 1970 e hoje está presente em mais de 100 países.

para promover a participação juvenil em ações de desenvolvimento local e comunitário;

- *Trilha Jovem*, iniciativa do Instituto de Hospitalidade (www.hospitalidade.org.br) desenvolvida com o apoio da Counterpart International, com recursos da Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID), e do programa entra21, uma iniciativa da Fundação Internacional da Juventude (IYF) e do Fumin - Fundo Multilateral de Investimentos, administrado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o projeto capacita jovens (16 a 24 anos, estudantes de escolas públicas) provenientes de famílias de baixa renda (renda familiar de três salários mínimos), num período de quatro meses para inseri-los no mercado do setor de turismo;

- o Projeto Cabuçu, apresentado por Rodrigo Montaldim, criador da ONG que leva o nome do projeto, trabalha o desenvolvimento local por meio do turismo; apresentou o processo trilhado pela ONG Projeto Cabuçu de Desenvolvimento Local cujo pilar é o fomento do Turismo de Base Local Comunitária, como também a proposta da REDE Cabuçu de Turismo de Base Local Comunitária (ainda em construção) que tem como parceiros os programas PJ MAIS POJ (Programa de Jovens Meio Ambiente e Integração Social da Reserva da Biosfera - MAB/UNESCO e o Programa Oportunidade ao Jovem da Prefeitura Municipal de Guarulhos). (rmontaldim@yahoo.com.br ou projetcabucu@yahoo.com.br)

O quadro 3 foi, dentre os inúmeros trabalhos apresentados, o único que trouxe o *Turismo Social* como tema central.

O Grupo Técnico de Turismo – Turismo Social (GTT – Turismo Social), cujo tema proposto em painel: *O programa de regionalização e outras ações em andamento para a consolidação da proposta e formulação de uma prática de implementação do Turismo Social*, proposto pela Rede Nacional de Regionalização, que responde ao Ministério do Turismo, entre os diversos

trabalhos, colóquios, painéis e reuniões apresentados no Fórum Mundial de Turismo (versões 2004, 2005 e 2006), parece ser o que mais se aproxima do tema desta pesquisa.

No entanto, esta reunião foi realizada no ano de 2005 e como pode ser observado no quadro 6, extraído do *site* da Rede Nacional de Regionalização (www.redereg.turismo.org.br), em julho de 2007, o tema Turismo Social parece não suscitar interesse pois, não há nenhum tópico ou mensagens registradas. Assim, questiona-se: onde estão as propostas ou formulações acerca do Turismo Social explanadas no Fórum Mundial de Turismo de 2005 ?

 [Rede Nacional de Regionalização](#) »

Todos os fóruns:

Nome do Fórum / Descrição	Tópicos	Mensagens	Última Mensagem
 Interlocutores Estaduais do Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil Próxima Reunião Virtual, com Tania Brizolla, dia 24/05, às 10h. Participe!			
 <u>Vai Brasil</u> Fórum de discussões sobre o Vai Brasil.	2	4	08/05/2007 19:42:01 por debora.teste
 <u>Programa de Regionalização 2007-2010</u> Fórum para discussão dos próximo passos do Programa no período de 2007 a 2010.	3	5	29/05/2007 14:28:59 por debora.pinto
 <u>Encontro Nacional do Programa de Regionalização do Turismo</u> Fórum do I Encontro Nacional do Programa de Regionalização do Turismo, ocorrido nos dias 17 e 18/10/2006, Brasília/DF.	1	1	20/12/2006 18:11:25 por debora.pinto
 Programa de Regionalização do Turismo			

	<u>Roteiros Integrados do Mercosul</u> Fórum dos Roteiros Integrados com o Mercado Comum do Sul (Mercosul).	2	8	18/01/2007 10:43:40 por saskiafl
	<u>Projeto Inventário da Oferta Turística</u> Fórum do Projeto da Inventário da Oferta Turística Nacional.	6	19	02/05/2007 14:57:12 por Robson
Segmentação				
	<u>Segmentação do Turismo</u> Espaço de discussão das estratégias de estruturação e qualificação dos segmentos turísticos, como base para a elaboração de roteiros e produtos turísticos.	2	6	25/06/2007 16:03:01 por Solange
	<u>Turismo Social</u> Espaço de discussão sobre a prática da atividade turística como forma de promover a igualdade de oportunidades, sem discriminação, acessível a todos, de maneira solidária, em condições de respeito e sob os princípios da sustentabilidade e da ética.	0	0	Nenhuma Mensagem
Rede Nacional de Regionalização				
	<u>Assuntos diversos</u> Fórum aberto, de assuntos diversos, para todos usuários.	5	9	30/05/2007 19:27:26 por rede.regionalizacao

Quadro 6: Fóruns da Rede Nacional de Regionalização

Fonte: www.redereg.turismo.gov.br – Página Inicial

Percebe-se também no quadro 6, que o tema Turismo Social não surte, nos usuário cadastrados ao *site*, nenhum questionamento, nenhuma mensagem, isto ocorre, talvez, por falta de interesse no tema, falta de práticas concretas ou falta de projetos reais ? Ou ainda, falta de marketing deste *site* disponível no Portal Brasileiro de Turismo do Ministério do Turismo? Por conta disso são poucos os usuários ? Ou é um número ínfimo por conta de dificuldades em se cadastrar? Tais questões me intrigam e me disponho a respondê-las em uma outra pesquisa.

Investigou-se nas três versões dos Fóruns a participação da ABRASTUR ou de algum de seus associados, SBTUR, BANSTUR, MERIDIEN e BOM TUR,

mas nada foi encontrado. Como explicar tal fato? Não se dizem *Sistemas de Turismo Social*? Os Fóruns foram (e são, pois, continuarão acontecendo) oportunidades de mostrar à sociedade e interessados suas realizações, afinal, o Turismo Social coopera com os objetivos propostos pelo Fórum Mundial de Turismo para Paz e Desenvolvimento Sustentável

Como afirma Camargo, é preciso considerar não só as questões econômicas, mas também os aspectos que *realmente importam* (2003, p.19): o Turismo Social como forma de Inclusão e Hospitalidade, esta última entendida como uma condição da visão humanista que reconhece a pessoa como ser de relações, que, pensando numa organização de viagem turística, é respeitado em sua dignidade e visto como alguém que dá vida e alimenta essa prática. Para existir, a atividade do turismo necessita das pessoas a que ele deve “servir”.

Volto a Ramos (2003) quando diz que *em um mundo que se diz globalizado, em que se pensa em uma ética universal, a hospitalidade não pode mais ser reduzida a uma questão meramente subjetiva* (p.29). Urge trazê-la para esfera pública, o que não se dará, se não a conhecermos, não enxergarmos nela significado e não a retomarmos em nossas práticas, afinal, as políticas públicas são elaboradas em resposta à demanda privada. Comungo com a autora quanto ao trato necessário a ser dado à hospitalidade, vai além do receber bem e sim em saber como são elaborados os sentimentos, as considerações e, *principalmente, quanto essa elaboração favorece as políticas públicas, mascarando uma realidade de opressão e desprezo aos direitos do outro* (p. 29).

A hospitalidade no turismo social deve ser vista como uma prática de duas mãos em que os sujeitos envolvidos tenham voz, seus desejos, necessidades e direitos respeitados e sintam-se incluídos, “pertencentes” à prática turística da qual participam.

Nessa visão, a hospitalidade é a mediação da inclusão em qualquer setor da atividade turística.

Considerações Finais

Constatou-se a inter-relação entre Turismo Social, Hospitalidade e Inclusão Social ao mostrar possuir características comuns confirmando a 1º hipótese: *existe relação entre Turismo social, Hospitalidade e Inclusão*. Os três levam em consideração a necessidade de práticas de inclusão do outro, valorizando-o e considerando suas diferenças. A ética e a dignidade permeiam estes temas como qualidades essenciais para um *viver e conviver civilizado*.

Observou-se que o Turismo Social, por ter a Inclusão Social como uma de suas características, põe em prática a Hospitalidade, ou seja, esta é uma particularidade deste tipo específico de turismo que facilita a Inclusão Social o que vem confirmar a 2º hipótese: *a Hospitalidade no Turismo social pode ser facilitadora da Inclusão Social*.

O Plano Nacional de Turismo 2007-2010 (versão junho/2006), com os eixos temáticos: *Estruturação e Diversificação da Oferta, Acesso ao Crédito e Promoção, Marketing e Apoio à Comercialização*, que contemplam o Turismo Social concebido sob os princípios gerais contidos no Código Mundial de Ética do Turismo, acaba por trabalhar, também, a Hospitalidade. Portanto, ao expressar interesse na prática e incremento desse tipo de turismo, o documento revela intenções inclusivas, abarcando deste modo a Hospitalidade. Assim, não podemos afirmar que o Plano Nacional de Turismo 2007-2010 concentra-se apenas nas questões econômicas, isto faz com que seja rejeitada a 3º hipótese: *o Turismo Social difundido pelo Plano Nacional de Turismo 2007-2010 concentra-se apenas em questões econômicas*.

No entanto, entre inúmeros trabalhos apresentados no Fórum Mundial de Turismo 2004, 2005 e 2006 - parceiro do Ministério do Turismo, encontrou-se um único trabalho cujo tema é Turismo Social.

Analisar os trabalhos apresentados nestes Fóruns foi uma das maneiras de certificar que o Turismo Social, proclamado está sendo desenvolvido e colocado em prática, sendo que um de seus objetivos é *renovar e disseminar realizações concretas e inovadoras, que resultam em projetos demonstrativos* (www.desti-nations.net ou www.worldtourismforum.org).

Este trabalho, apresentado no ano de 2005, pela Rede Nacional de Regionalização (www.redereg.turismo.gov.br), propôs *O Programa de Regionalização e outras ações em andamento para a consolidação da proposta e formulação de uma política de implementação do Turismo Social* (Quadro 3); porém ao acessá-lo em julho de 2007, nada foi encontrado no item Turismo Social (Quadro 6).

Talvez deva ser considerado o fator tempo. O Plano Nacional de Turismo data de 2007 e a reunião da Rede Nacional de Regionalização de 2005, ou seja, na época do Fórum Mundial de Turismo quando apresentado o trabalho em questão, não se contava com este Plano devidamente documentado.

Enquanto isto não se confirma e conferido os resultados presentes no quadro 6, pode-se concluir, nestes casos específicos, da Rede Nacional de Regionalização e Fórum, que as políticas mostram-se proclamadas, porém, não concretizadas. Assim, o Turismo Social, *proclamado*⁵² pelas Políticas Públicas de Turismo, não se efetiva e deste modo mostra desvalorização à Hospitalidade.

O PNT 2007-2010 (versão julho 2007), traz o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)⁵³ e sua vinculação com a atividade do turismo: *o crescimento do*

⁵² No texto de Anísio Teixeira (1976) *Valores Proclamados e Valores Reais nas Instituições Escolares Brasileiras*, o autor tece a história da educação desde os tempos coloniais para explicar que *nascermos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados*, pois, nos dividíamos entre senhores e escravos, entre os colonizadores e os colonizados, entre a corte e os trópicos, não éramos brancos puros, nem negros, éramos “criollos” entre os espanhóis e “mazombos” entre os brasileiros, éramos “europeus” nostálgicos. Esta dualidade se estendeu às leis, por meio destas criávamos nossa própria realidade, metaforizando-a a nosso bel prazer. E proclamávamos o que desejávamos real. E assim apenas se fala, mas não se concretiza, não se realiza.

⁵³ Programa de Aceleração do Crescimento – PAC – foi lançado pelo governo Lula em janeiro de 2007 e *propõe ações, metas e um amplo conjunto de investimentos em infra-estrutura, bem como medidas de incentivo aos investimentos*

turismo está intimamente relacionado ao crescimento econômico sendo por este impactado e potencializado de forma intensa (p.13).

Acredita-se que um desenvolvimento econômico não se concretize se não houver 'recursos humanos' devidamente qualificados para que isso se torne legítimo. Pessoas que enxerguem significado no *Aprender a conhecer* (a si mesmo e o outro), no *Aprender a fazer* (saber-fazer para si mesmo, para o outro, junto ao outro), no *Aprender a viver junto, aprender a viver com ou outros* (desenvolver atitude de empatia, descobrir o outro e aceitá-lo) e *Aprender a ser* (desenvolver a personalidade, agir com autonomia, ter discernimento e responsabilidade perante si mesmo, e os outros).

A atividade turística nacional precisa de pessoas atuantes que sintam significado em suas ações, que tenham a Hospitalidade como um norteador e a Inclusão Social um ato verdadeiramente humanizado, com base na tríplice obrigação de 'dar-receber-retribuir', ou seja, uma hospitalidade que envolva altruísmo e beneficência possibilitando ao Turismo Social passar do *proclamado* ao concretizado.

Verificou-se na descrição da Missão e Visão da Associação Brasileira de Cooperativas de Turismo Social (ABRASTUR) e nos seus associados (SBTUR, BANSTUR, MERIDIEN, BOM TUR), disponíveis em seus respectivos *sites*, a oferta de viagens, estadas, deslocamentos mais econômicos que os demais empreendimentos existentes no mercado, bem como o desejo de *ser líder no segmento de Turismo Social do Brasil, se consolidando como melhor solução de viagens do mercado* (Quem somos. In: www.sbtur.com.br). Isto denota uma preocupação dessas empresas com sua posição no mercado e não com as pessoas para as quais elas irão trabalhar. Assim, questiona-se: A oferta de uma viagem econômica é Inclusão Social? Uma visão e missão reducionistas, que não contemplam uma inclusão legítima, podem ser consideradas sinônimo de Hospitalidade? São questões econômicas sobrepondo-se às questões humanas.

Ademais, estes 'clubes de turismo' seguem uma vertente americanizada da Hospitalidade. A escola americana trata a Hospitalidade Comercial, ou seja, resta da antiga hospitalidade *apenas a atual versão comercial, baseada no contrato e na troca estabelecidas por agências de viagens, operadoras, transportadoras, hotéis e restaurantes* (Camargo, 2004, p. 40). A palavra *Hospitality* para os norte-americanos possui um sentido limitado: hospedagem mediante pagamento.

Nesta pesquisa segue-se a escola da hospitalidade francesa

que se interessa apenas pela hospitalidade doméstica e pela hospitalidade pública e que têm na matriz maussiana do dar-receber-retribuir a sua base, ignorando a hospitalidade comercial (Camargo, 2004, p. 40).

Assim confirmamos a 4^o hipótese: O Turismo Social presente no Plano Nacional de Turismo 2007-2010, não leva em consideração a Hospitalidade estudada nesta pesquisa, a qual considera a Hospitalidade aceita pela escola francesa baseada na tríplice obrigação de Marcel Mauss - dar-receber-retribuir.

O *Eixo Temático - Qualificação* do referido Plano destaca a presença irrefutável da educação para aqueles que atuam ou irão atuar na área do turismo. Os itens *Mapeamento das Necessidades e Educação Formal* expressam preocupação com o perfil do profissional na área, ao programa e currículo dos cursos existentes. O Plano dispõe uma série de itens contemplando a necessidade de:

- ampliar cursos técnicos de turismo no território nacional;
- apoiar pesquisas, produções de publicações e intercâmbios entre instituições de ensino superior, nacionais e internacionais;

- implementar junto às instituições de ensino programas de atualização técnica e operacional para egressos de cursos de educação formal para o turismo;

- incentivar a melhoria da qualificação do ensino superior abrangendo gestores, planejadores e empreendedores turísticos, estimulando as universidades na formação do profissional de gestão pública de turismo;

- envolver as instituições de ensino em ações mais amplas da Política Nacional de Turismo, particularmente na pesquisa no ensino formal e nos programas de qualificação;

- estabelecer parcerias com as Instituições de Ensino Superior para realizar inventários de municípios turísticos nacionais e;

- inserir o turismo na transversalidade da grade curricular do ensino básico e fundamental.

Apesar da atual versão do Plano Nacional de Turismo ter sido reduzida, e tais itens acima mencionados estarem disponibilizados somente na versão de junho de 2006, declara:

a qualificação profissional para o trabalho deve estimular a educação continuada e a formação profissional articulada com o Plano de Desenvolvimento da Educação, do Ministério da Educação, e com os programas de qualificação profissional do Ministério do Trabalho e Emprego (Junho de 2007, p. 76).

Nota-se a desejada e possível articulação interministerial (Ministério do Turismo x Ministério da Educação), isto talvez possa implicar em ações adotadas e executadas pelas Políticas Públicas de Educação ao atentar para os cursos de turismo como são elaborados seus programas e seus currículos, qual ênfase é dada à formação deste profissional, se baseadas em questões econômicas, visando apenas ao lucro, ou na valorização dos cidadãos, tendo como premissas a ética, a dignidade

humana e a hospitalidade. Resgatando Ramos (2003): é preciso saber como se elaboram esses sentimentos e considerações.

Portanto, uma cultura educacional baseada na Pedagogia do Sujeito Coletivo, na qual sujeitos se unam em prol de uma causa, são identificados por um nome e mantêm sua memória mediante alguma ação concreta far-se-ia necessária.

No entanto a 5ª hipótese: *a Pedagogia do Sujeito Coletivo de Silva (1996) é um caminho, um método para a formação de profissionais da área do turismo mais humanos e capazes de colocar em prática a hospitalidade como pensamos, sentindo-se sujeitos dessa prática e enxergando e respeitando o outro*, não pôde ser confirmada, nem rejeitada nesta pesquisa, pois, seria algo ainda a ser feito. Talvez, em uma próxima pesquisa se possa responder a esta hipótese, preferivelmente confirmando-a.

Segundo Haulot (1997), a formação para o turismo deve ser parte integrante do programa escolar em todos os níveis e figurar no centro de todas as organizações livres dedicadas à educação da população. Aprender a ler o livro da beleza do mundo, aprender a viver a alegria das férias, aprender a enriquecer o coração e o espírito mediante o contato com o diferente é fundamentalmente abrir ao homem os caminhos de uma percepção mais real de suas oportunidades, e à sociedade as vias para uma solidariedade mais real. A tudo isto o turismo pode contribuir, mais que mercantilmente, se considerar o valor permanente do desenvolvimento humano.

É preciso pensar a Hospitalidade como dádiva. Para Godbout (1999), a dádiva tem memória, contrariando a natureza fugaz do mercado, que conserva apenas o preço e a memória do vínculo entre as coisas e não com as pessoas. Segundo o autor, a dádiva tem como propriedades conservar vestígios de relacionamentos anteriores, *para além da transação imediata* (p. 197), e suas 'regras' são opostas às da troca mercantil. A dádiva enriquece os vínculos criados e possui sempre um algo a mais: é o valor do vínculo que é o valor do tempo e que escapa ao cálculo. Ao dizer dádiva diz-se gratuidade e generosidade, termos (quase) esquecidos na sociedade atual.

As palavras de Luigi Giussani (2006) vêm ao encontro da teoria maussiana quando diz que a Hospitalidade *é grande se a pessoa entende e percebe que todo relacionamento é uma hospitalidade* (p.20), bem como acolhimento de um outro. Para este autor a palavra Hospitalidade *expressa significativamente todo o fenômeno da acolhida*.(p. 21) e *gratuidade, amor sem interesse, sem razões que a razão entenda, explique, sem nenhum direito ao qual aderir ou obedecer*.(p.30)

É assim que esta pesquisa trabalhou e buscou pela Hospitalidade: como sinônimo de Acolhida.

De acordo com Silva (1998), a conscientização de que somos, todos, semelhantes uns aos outros, brasileiros, sul-americanos, cidadãos do mundo e pertencentes à raça humana, proporciona um critério para se pensar as políticas públicas: *a inclusão de todos os interessados; o levar em conta todos os envolvidos, não somente os que têm poder de reivindicar* (p. 197).

Se os sistemas educativos são fontes de capital humano, cultural e social (Carneiro, 2001, p. 233), acredita-se a Pedagogia do Sujeito Coletivo em cursos de turismo - técnicos ou bacharelados - cujo trabalho dos alunos seja o resgate da Hospitalidade, desde o seu entendimento até sua possível aplicação nos diversos e diferentes setores compreendidos pela atividade turística, se possa fortalecer e alcançar o crescimento desejado pelo governo com o desenvolvimento capaz de beneficiar a todos. Quando todos envolvidos estão bem, se sentem reconhecidos e valorizados e são tratados com dignidade, respondem à sociedade da mesma forma, de acordo com a lei da causa e efeito.

Referências

ABRASTUR. In: <http://www.abrastur.com.br>

ACERENZA, Miguel Angel. *Administração do turismo*. São Paulo: EDUSC, 2002.

ALMEIDA, Marcelo Vilela. Turismo social: por uma compreensão mais adequada deste fenômeno. In: Bahl, Miguel (org.). **Turismo: enfoques teóricos e práticos**. São Paulo: Roca, 2003.

ANDRADE, José Vicente. *Turismo: fundamentos e dimensões*. São Paulo: Atlas, 1998.

ASSOCIATION INTERNATIONALE DES ETUDIANTES EM SCIENCES ECONOMIQUES ET COMERCIALES. In: <http://www.aiesec.org>

AZANHA, José Mário Pires. Planos e Políticas de Educação no Brasil: alguns pontos para reflexão. In: Menezes, João Gualberto Carvalho (org.). **Educação básica: políticas, legislação e gestão**. São Paulo: Thomson Learnig, 2004.

BACAL, Sarah. *Lazer e o universo dos possíveis*. São Paulo: Aleph, 2003.

BANSTUR. In: <http://www.banstur.com.br>

BAPTISTA, Isabel. *Para uma geografia da proximidade humana*. In: Revista Hospitalidade, ano 2, n. 2, São Paulo: Editora Anhembi-Morumbi, 2005.

BATISTA NETO, Jônatas. *Aspectos das viagens medievais – obstáculos e perigos*. In: **Revista de História**, nº 119, São Paulo: USP, 1988.

BENI, Mário Carlos. *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: SENAC, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Ave-Maria, [s.d.].

Bom Tur. In: <http://www.bomtur.com.br>

BOULLÒN, Roberto. *Planejamento espacial do turismo*. São Paulo: EDUSC, 2002.

BUENO, Marielys Siqueira. O caminho para Santiago: uma forma de Hospitalidade. In: **Revista Hospitalidade**, ano, I, n. 1, São Paulo: Editora Anhembi-Morumbi, 2004.

BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAILLÈ, Allain. *Antropologia do dom – o terceiro paradigma*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph, 2004.

_____. *A hospitalidade através do tempo*. Aula 3. Gestão da Hospitalidade em Serviços de Saúde, SENAC, 2007.

CARNEIRO, Roberto. Educação e comunidades humanas revivificadas – uma visão da escola socializadora no novo século. In: DELORS, Jacques (org.) **Educação: um tesouro a descobrir– Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI**. . São Paulo: Cortez, 2001.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1995.

Código Mundial de Ética do Turismo. In:
<http://rec.web.terra.com.br/hoteltur/codigo.htm>

CUNHA, Licínio. *Economia e política do turismo*. Portugal: Verbo, 1996.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. In:
<http://www.planalto.gov.br>

Declaração de Manila. In: ACERENZA, Miguel. **Administração do turismo**. São Paulo: EDUSC, 2002.

Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). In:
http://www.direitoshumanos.usp.br/couter/declaracao/declaracao_univ.htm

DENCKER, Ada de Freitas Maneti, BUENO, Marielys Siqueira. *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

DERRIDA, Jacques, DUFOURMANTELLE, Anne. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. Tradução de Antônio Romane. São Paulo: Escuta, 2003

DIAS, Célia Maria de Moraes. *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Aleph, 2002.

ENZENSBERGER. Hans Magnus. *Com raiva e com paciência – ensaios sobre literatura, política e colonialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FLANDRIN, Jean-Louis, MONTANARI, Massimo. *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FÓRUM MUNDIAL DE TURISMO. In: <http://www.desti-nations.net> ou <http://www.worldtourismforum.org>

GEREMEK, Bronislaw. Coesão, solidariedade e exclusão. In: DELORS, Jacques (org.) **Educação: um tesouro a descobrir– Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI.** . São Paulo: Cortez, 2001.

GIUSSANI, Luigi. *O milagre da hospitalidade*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006.

GODBOUT, Jacques. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOELDNER, Charles. *Turismo, princípios, práticas e filosofias*. São Paulo: Bookman, 2003.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Viaggio in Italia: 1786-1788*. Milano: Rizzoli, 1991.

HAULOT, Arthur. *Turismo social*. México: Trillas, 1997.

HERSKOVITS, Melville J. *Antropologia cultural: men and his works*. São Paulo: Mestre Jou, 1963.

HOEBEL, E. Adamson. A natureza da cultura. In: SHAPIRO, Harry (org.). **Homem, cultura e sociedade**. [s.l.]: Fundo de Cultura, [s.d].

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.

INSTITUTO DE HOSPITALIDADE. In: <http://www.hospitalidade.org.br>

KORNHAUSER, Aleksandra. Criar oportunidades. In DELORS, Jacques (org.) **Educação: um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI.** São Paulo: Cortez, 2001.

KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do turismo.* São Paulo: Aleph, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade, PRESOTTO, Zélia Maria Neves. *Antropologia: uma introdução.* 3ª Ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e nova desigualdade.* São Paulo: Paulus, 1997.

MAUSS. Marcel. *Ensaio sobre a dívida.* Portugal: Edições 70, 2001.

MERIDIEM. In: <http://www.meridienclube.com.br>

MONTANDON, Alain. Hospitalidade ontem e hoje. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti, BUENO, Marielys Siqueira. **Hospitalidade: cenários e oportunidades.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MONTEJANO, Jordi Montaner. *Psicosociología del turismo.* Madrid:Editorial Sínteses, 1996.

NISKIER, Arnaldo, NATHANAEL, Paulo. *Educação, estágio e trabalho.* São Paulo: Integrare, 2006.

LAFARGUE, Paul. *O Direito a Preguiça – a religião do capital.* São Paulo: Kairós, 1983.

LASHLEY, Conrad, MORISSON Alisson. *Em busca da hospitalidade: perspectiva para um mundo globalizado*. São Paulo: Manole, 2004.

Pacto Internacional dos Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais (1966). In: MARCÍLIO, M. L., PUSSOLI, L. **Cultura dos direitos humanos**. São Paulo: LTr, 1998.

PEYER, Hans Conrad. Os primórdios da hotelaria na Europa. In: FLANDRIN, Jean-Louis, MONTANARI, Massimo. **História da alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, págs 437 – 446.

PLANO NACIONAL DE TURISMO 2007-2010. In:
<http://www.institucional.turismo.gov.br>

PLENTZ, Renata Soares. Hospitalidade: trocas humanas x trocas mercadológicas. In: **Revista Hospitalidade**, ano 2, n. 2, São Paulo: Editora Anhembi-Morumbi, 2005.

PROJETO BAGAGEM. In: <http://www.projeto bagagem.org.br>

OMT. *Introdução ao turismo*. São Paulo: Roca, 2001.

_____. In: <http://www.world-tourism.org>

Silvana Pirillo. *Hospitalidade e migrações internacionais: o bem receber e o ser bem recebido*. São Paulo: Aleph, 2003.

Rede Nacional de Regionalização do Turismo. In:
<http://www.redereq.turismo.gov.br>

REJOWSKI, Miriam (org.). *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.

RIPOLL, Graciela. *Turismo popular – investimentos rentáveis*. São Paulo: Roca, 2003.

SACRISTÁN, Gimeno J. *Educar e conviver na cultura global: exigências da cidadania*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, Jair. Militão. A consideração da dignidade humana como critério de formulação de políticas públicas. In: MARCÍLIO, Maria Luiza, PUSSOLI, Lafaiete. **Cultura dos direitos humanos**. São Paulo: LTr, 1998

_____. *Como fazer trabalho comunitário?* São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *A autonomia da escola pública*. 9ª. ed. Campinas: Papyrus, 2006.

SILVA, Maria Tereza P. M. da. Sobre trabalho humano – seu significado mais amplo e sua relação com a educação. In: Silva, Jair Militão da. (org.) **Os educadores e o cotidiano escolar**. Campinas: Papyrus, 2000.

SBTUR. In: <http://www.sbtur.com.br>

TEIXEIRA, Anísio. Valores proclamados e valores reais nas instituições escolares brasileiras. In: Brasil. Vários autores. **Educação no Brasil**. Textos selecionados. Brasília: MEC, 1976.

VISINO, Silvia. *I pittori del Grand Tour – viaggio a Roma alla ricerca delle aure*. Itália: L'argonauta, [s.d.]

WALKER, John. *Introdução à hospitalidade*. São Paulo: Manole, 2002.